

Cadernos já publicados:

1. Os Cristãos e a Militância Política
2. Dimensões da Formação Integral na PJ
3. Mística da Caminhada
4. Como trabalhar com Iniciantes
5. PJ e Movimentos
6. Planejar é...

PJ E MOVIMENTOS



Edição, Impressão e Distribuição:
CCJ - Centro de Cursos de Capacitação da Juventude
Pastoral da Juventude
Rua Bispo Eugênio Demazemod, 364A
São Paulo - SP
Telefone: (11) 2917-1425

**Cadernos de
Estudos da
Pastoral da
Juventude
Nacional**



Orgunho
CENTRO DE CAPACITAÇÃO DA JUVENTUDE

Índice

Apresentação	2
Introdução	3
A Realidade que o jovem vive	5
A Pastoral	7
Pastoral da Juventude Orgânica	9
Um olhar para as origens	9
A Pastoral da Juventude Geral	11
As Pastorais Específicas de Juventude	12
Objetivo e Espiritualidade da PJ	15
A Metodologia da PJ	17
Movimento "Comunhão e Libertação"	22
Movimento GEN	32
Movimento Carismático	45
Movimentos de Encontro	55
Limites a serem superados	59
Pistas de Ação	62
Bibliografia citada	64

Apresentação

A partir do Concílio Vaticano II, florescem nas Igrejas da América Latina as pequenas comunidades eclesiais, quais células vivas de comunhão do povo cristão. Tais comunidades foram incentivadas pelas Conferências de Medellín e Puebla. Após o enfraquecimento da Ação Católica nos anos 60, sob a inspiração da idéia de comunidade começou a florescer, como flor no deserto, a experiência de pequenas comunidades de jovens. Como as comunidades, os grupos assumem as diretrizes da Igreja local e do país, inserem-se na pastoral da conjuntura, articulando-se nos vários níveis da Igreja: na Paróquia e na Diocese, no Regional, em nível Nacional. Hoje são cerca de 60 mil grupos de jovens.

Surgiram também, outras experiências, sejam movimentos nacionais de espiritualidade, seja o ramo jovem de movimentos nacionais de adultos. Foi inevitável a tensão e algum conflito entre os dois projetos. Cresceu entre os jovens de Igreja a consciência de algumas linhas comuns, respeitando as legítimas diferenças. Cresceu, também, a consciência de que o diálogo é o caminho apto para a superação das tensões e a cooperação na evangelização dos 32 milhões de jovens brasileiros.

O presente caderno é o instrumento escolhido pela Pastoral da Juventude e pelos Movimentos de Jovens para amadurecer um processo de diálogo eclesial em vista de um processo de evangelização dentro da Igreja e de compromisso transformador em nosso país.

Dom Sinésio Bohn

Bispo responsável pela Pastoral da Juventude na CEP

Introdução

De há muito a Pastoral da Juventude (PJ) vem sentindo a necessidade de estudar e aprofundar sua relação com os Movimentos Eclesiais que trabalham com a juventude. Daí o título deste caderno.

Na 7ª Assembléia Nacional de PJ esta necessidade se manifestou a partir de um grupo de trabalho que desenvolveu o tema "PJ e Movimentos". Verificou-se o pouco conhecimento que os jovens e assessores presentes tinham sobre esse assunto. A partir daí a Comissão Nacional de Assessores (CNAPJ) ficou encarregada de aprofundar a reflexão, o que resultou neste caderno.

Tal necessidade também é fruto de inúmeros conflitos nas bases entre jovens da PJ e movimentos, oriundos de concepções de Igreja, perspectivas de unidade e emprego de metodologias diferentes.

A PJ e os movimentos eclesiais são constantemente desafiados pelo grande número de jovens a evangelizar.

Cada vez mais a PJ sente a necessidade de dialogar com os Movimentos que trabalham com a juventude na Igreja, visando anunciar o Reino de Deus aos jovens. A atitude de diálogo e abertura é característica do Evangelho. O caderno tem como finalidade facilitar um diálogo aberto entre ambas as partes pela eliminação de preconceitos e visões simplistas. O caderno deixa claro que há maneiras diferentes de ser Igreja. Nenhum destes caminhos deve se apresentar como único. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de diretrizes comuns que inspirem tanto a PJ quanto os movimentos a fim de que os vários membros do Corpo de Cristo possam somar forças para caminhar na mesma direção.

De fato, o mundo atual vive dividido e fragmentado por muitas ideologias, partidos políticos, práticas econômicas, seitas e religiões. Na caminhada atual da Igreja Católica, como veremos logo a seguir, percebemos um grande número de movimentos e de pastorais. A necessidade do diálogo torna-se imperiosa para um melhor conhecimento mútuo, para melhor serviço à igreja e para que o anúncio de Jesus Cristo tenha força e eficácia pastoral.

Com o nome de PJ Orgânica, ou simplesmente PJ, entendemos aqui a ação evangelizadora dos jovens que, a partir dos grupos de base, se articulam e se organizam nos diversos níveis de paróquia, área pastoral, diocese, inter-diocesano, regional, bloco

e nacional. Coordenados por jovens e assessorados por adultos, inserem-se na Pastoral de Conjunto, segundo o planejamento e as diretrizes pastorais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Os Movimentos de Juventude, por sua vez, se caracterizam pela articulação interna ao movimento: o referencial não é a estrutura paroquial e diocesana mas o respectivo movimento. Reúnem seus grupos de jovens nas paróquias que aderem ao movimento ou em outros ambientes fora do espaço paroquial. Alguns têm organização nacional ou mesmo internacional. Elaboram seu estatuto e exercitam uma metodologia de evangelização segundo as diretrizes gerais do movimento. Salvo raras exceções não se articulam com as instâncias da Pastoral Orgânica.

Os capítulos deste caderno, referentes aos movimentos Comunhão e Libertação, GEN e Carismático são de autoria dos próprios movimentos. A CNAPJ encaminhou o restante do texto. Não se fez uma abordagem dos movimentos com inspiração na extinta Ação Católica por já haver uma maior articulação com os mesmos e para não tornar este subsídio por demais extenso.

Este texto destina-se às coordenações de Pastoral da Juventude, dirigentes dos movimentos e assessores preocupados com uma ação mais conjunta e eficaz na evangelização da juventude.

Agradecemos aos membros dos movimentos GEN e da Renovação Carismática que participaram da primeira reunião da CNAPJ que encaminhou o caderno e o José Carlos Stoffel que fez a redação final do texto.

*Pe. Jorge Boran
Assessor Nacional - CNBB
Pastoral da Juventude*

Participaram da elaboração deste caderno os seguintes membros da CNAPJ:

Frei Erico Hickmann - RS
Pe. Florisvaldo Saurin Orlando - GO
Pe. Henrique de Moura Faria - MG
Pe. José Soares Teixeira - CE
Pe. Onivaldo Dyna - MG
Pe. Jorge Boran - DF
José Carlos Stoffel - RS
Maria de Lourdes Calvacante da Silva - PE

A realidade que o jovem vive

Na América Latina e no Brasil, o grande desafio que a Igreja tem diante de si em sua missão evangelizadora e a situação de marginalização vivida pela maioria das pessoas a serem evangelizadas: "A compreensão da condição humana leva-nos a considerar o homem não abstratamente, mas em sua situação histórica concreta". É o desafio de resgatar a imagem de Deus num continente de larga tradição cristã, mas imerso em situação política e econômica contrária ao plano de Deus que é o plano de vida.

Em "Estudos da CNBB No. 44" apontam-se alguns dados da situação alarmante em que vivem os jovens. Eles constituem uma grande força de mão-de-obra barata, sem direito à participação nos processos decisórios da sociedade e da Igreja. Faltam-lhe canais especializados de participação. Frustrados pela falta de condições para estudar e trabalhar e incentivados pelo espírito consumista e competitivo que tem nos jovens seu alvo preferido, jogam-se na vida sem rumo ou fogem dela sem compromisso. A maior parte dos que se entregam à prostituição e as drogas e que vão parar na delinquência e atrás das grades das cadeias são jovens.

A concentração da terra e dos meios de produção condena um grupo sempre mais numeroso de jovens ao desemprego na cidade ou à sobrevivência no campo como assalariados rurais. Sem perspectivas de uma vida digna, cedem ao desespero e à acomodação. Mesmo entre os jovens que vivem um ambiente mais confortável, são muitos os que cedem ao espírito consumista e egoísta, à procura desenfreada de uma ascensão social individualista, consequência de uma sociedade baseada no lucro e na competição.

A crise em que se vêem submersas as famílias afeta sobremaneira os jovens: "Sem dúvida, a família é a instituição mais duramente atingida por esse processo de transformação. Difundem-se rapidamente novos padrões de relacionamento entre os sexos, ação mútua e total, de unicidade e indissolubilidade. A perniciosa difusão de um inaceitável controle da natalidade, o consumo de anti-concepcionais e exacerbação do erotismo pela pornografia mercenária dos meios de comunicação, pervertem o comportamento sexual dos jovens e os indispõem a assumir a responsabilidade pela realização da beleza do ideal cristão da família".

Há uma verdadeira crise de modelos e valores, normas e lugares sociais, causada pela urbanização, industrialização e migrações, pelo rápido desenvolvimento dos sistemas de comunicação, pela tecnocracia. Muitos jovens sentem-se desorientados,

sem raízes, inseguros e por isso vulneráveis. Daí a busca de soluções, onde a mais simples às vezes parece a melhor ou mesmo a única e definitiva.

Quem poderá negar que, sobretudo no ambiente urbano, os jovens se sintam inquietos com relação a si mesmos e ao futuro? Questionam o poder político, econômico, ideológico e religioso. Buscam respostas reais aos problemas reais.

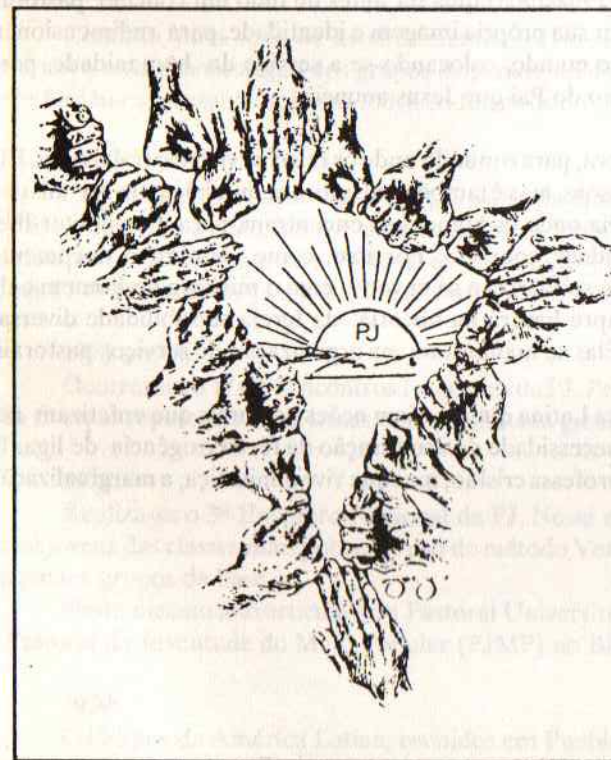
Sentem o peso do medo frente às várias formas de violência, conflitos, hostilidade. Medo de um desastre ecológico, de um holocausto nuclear, dos conflitos sociais, da manipulação. Sem raízes, sem lar, sem motivações, o jovem se sente solitário em casa, no trabalho, na universidade. Sente-se desiludido pela sociedade, pelo mundo do trabalho, pelo sistema educativo, pelas leis e até mesmo pelas práticas das Igrejas. De um lado aprende a se considerar como adulto, como pessoa que age com responsabilidade e consciência. De outro lado está em busca de si mesmo, desorientado entre escola e vida, família e trabalho, matrimônio e divórcio, campo e cidade.

No que diz respeito à Igreja, estamos saindo de uma cultura embasada profundamente por séculos de cristianismo, para uma cultura racionalista e tecnicista. Nesse novo contexto a Igreja passa também por uma grande crise. De uma religiosidade submissa e minuciosamente regulamentada passa-se para uma religiosidade da experiência: "A palavra-chave atualmente é simplesmente a palavra experiência. Um olhar mesmo superficial sobre as publicações atuais permite-nos encontrar essa palavra como um termo mágico que se impõe em teologia e pastoral... Por que o homem moderno se encontra com essa palavra? Por que tal sede de experiência? A resposta vem por ela mesma: esta sede intelectual e espiritual advém do empobrecimento de sua vida".

A Pastoral

A palavra PASTORAL refere-se à ação organizada da Igreja na evangelização. Historicamente o termo adquiriu sentidos diversos e às vezes bem divergentes. Na América Latina, especialmente a partir da Conferência Episcopal de Medellín com a adoção da idéia de um planejamento participativo; construir uma pastoral de conjunto tornou-se um grande desafio.

"A ação pastoral da comunidade eclesial, destinada a levar o homem todo e todos os homens à plena comunhão de vida com Deus na comunidade visível da Igreja, deve ser necessariamente global, orgânica e articulada. Disso, por sua vez, se infere que as estruturas eclesiais devem ser periodicamente revistas e reajustadas de tal forma que possa desenvolver-se harmoniosamente aquilo que se denomina PASTORAL DE CONJUNTO" (Med 15,9).



No Brasil, em 1952, com a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dava-se um passo decisivo na busca de uma maior unidade na ação pastoral da Igreja no Brasil. Dez anos depois, atendendo um apelo de João XXIII, a CNBB aprova seu Plano de Emergência em busca de uma renovação das estruturas eclesiais, com medidas organizativas e operativas internas. E, em 1966, surge o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-70). A ele se seguiriam: o 1º Plano Bienal (1971-72). O 2º Plano Bienal (1973-74) e as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1975-78); 1983-86; 1987-90.

A Igreja com todos seus membros, instituições e meios, é chamada a ser o instrumento, para que Deus faça chegar a libertação a seu povo e para que a comunidade humana descubra sua missão neste mundo, segundo os planos do Pai. Para atender o tão diferentes necessidades, a Igreja organiza ações pastorais diferenciadas, serviços, meios e pessoas, segundo as necessidades de atendimento às diversas situações que se apresentam. Assim existe a pastoral da família, dos meios de comunicação social, da educação, da cultura, da catequese... e a Pastoral da Juventude. É a Pastoral de Conjunto.

"A diversidade de formas organizadas do apostolado secular exige sua presença e participação na pastoral de conjunto, tanto pela própria natureza da Igreja, mistério de comunhão de diversos membros e ministérios, como em vista da eficácia da ação pastoral, pela participações coordenada de todos" (OP,807).

A pastoral orgânica apóia-se nos documentos do Concílio do Vaticano II. Este Concílio Mundial dos bispos (1962-1965) quis ser antes de tudo um concílio pastoral. Fez a comunidade eclesial rever sua própria imagem e identidade, para redimensionar, a partir daí, sua relação com o mundo, colocando-se a serviço da humanidade, para anunciar Jesus Cristo e o Reino do Pai que Jesus anuncia.

A Igreja volta-se para fora, para o mundo onde os cristãos vivem e trabalham. Ela não é apenas comunhão de pessoas, mas é também missão. É comunhão para ser missão. Seu lugar é o espaço da história onde os homens se encontram, para possibilitar-lhes viver de Deus, numa fraternidade concreta. Por isso, como lembra o documento "Gaudium et Spes", a Igreja se solidariza e se envolve com o mistério do homem e da história. Sempre houve e sempre haverá na história da Igreja sensibilidade diversas nessa relação com o mundo. Elas se manifestam na organização de serviços pastorais.

É sobretudo na América Latina que se criam ações pastorais que enfatizam necessidades das Igrejas locais, necessidade da aculturação da fé, da exigência de ligar fé e vida, num continente que se professa cristão, mas que vive a injustiça, a marginalização e a morte de tantas pessoas.

Pastoral da Juventude Orgânica

Um olhar para as origens

Após a Ação Católica, numerosos grupos remanescentes, surgidos espontaneamente nas paróquias, borbulhavam desordenados. A Igreja mantinha-se silencioso. Os efeitos da JAC, JEC, JUC, JOC e JIC haviam deixado marcas. Muitos setores da hierarquia mantinham-se em posição de defesa frente a qualquer sintoma de ressurgimento de tais movimentos.

Os jovens que ainda continuavam em grupos viviam a tensão: desistir da idéia de se organizar ou continuar na busca de novos caminhos e formas para manifestação grupal da fé e de engajamento, frente a toda uma situação sócio-político-econômico, marcada pela censura e autoritarismo.

Contudo, uma série de acontecimentos foram se sucedendo que, aos poucos, levaram a uma rearticulação dos grupos dispersos, configurando a Pastoral da Juventude Orgânica, presente hoje em todos os recantos do país.

1974:

Os jovens do Regional Sul 1 (SP), a partir de uma pesquisa científica, feita em todas as dioceses do Regional e uma assembléia Regional, elaboram o documento "Princípios e Diretrizes para a Pastoral da Juventude". Este é o marco de referência. Uma PJ orgânica começa e articula em vários níveis em todo o país.

1973 e 1976:

Ocorreram o 1º e 2º Encontros Nacionais da PJ. Pela falta de representatividade, não tiveram repercussão nas bases e na caminhada global da PJ.

1978:

Realiza-se o 3º Encontro Nacional da PJ. Neste encontro reforçou-se a opção pelos jovens das classes mais pobres, o uso do método Ver-Julgar-Agir; a articulação de pequenos grupos de base.

Neste mesmo ano articula-se a Pastoral Universitária (PU) em nível Nacional e a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) no Bloco Nordeste.

1979:

Os bispos da América Latina, reunidos em Puebla, fizeram uma opção preferencial pelos jovens, dando um grande impulso a uma caminhada que iniciava no Brasil.

Pastoral da Juventude Orgânica

1982:

Um grupo de trabalho (assessores e jovens), convocado pelo setor juventude da CNBB sistematiza, pela primeira vez a caminhada da PJ. Percebeu-se vários modelos e formas de organização.

1983:

Na Assembléia Geral da CNBB foi votado o destaque pastoral JUVENTUDE para o quadriênio 1983 - 1986. No mesmo ano realiza-se o 4º Encontro Nacional da PJ e o 1º Encontro Latino-americano da PJ, em Bogotá.

1984:

Articula-se a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) em nível nacional e ocorre o V Encontro Nacional da PJ.

1985:

O Ano Internacional da Juventude foi um fator de mobilização e organização da PJ. Realiza-se o VI Encontro Nacional da PJ.

1986:

A Coordenação Nacional da PJ marca presença na Assembléia Geral da CNBB e é organizado o "Estudo da CNBB" n. 44 - Pastoral da Juventude no Brasil.

1987:

Realiza-se a 7ª Assembléia Nacional da PJ. Aqui os Encontros Nacionais passam a ter um caráter de Assembléia, isto é a instância máxima deliberativa da PJ no Brasil. A coordenação Nacional da PJ tem sua representatividade aumentada para um jovem por regional da CNBB.

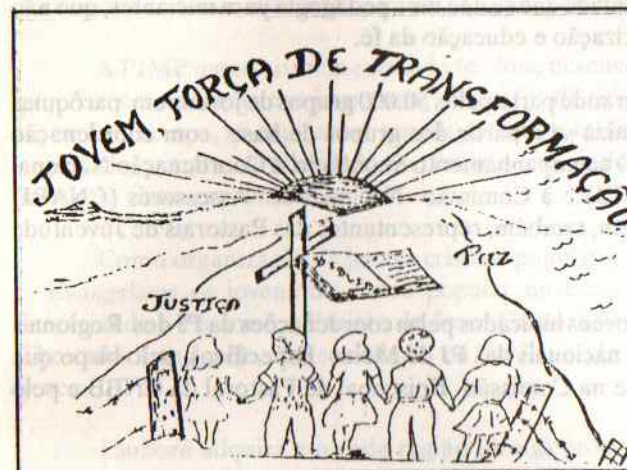
1988:

A Pastoral da Juventude Rural começa a se articular em nível nacional. Em 1989 realiza-se a 1ª Assembléia Nacional que elege uma Coordenação Nacional (CNPJR), uma Comissão de Assessores (CNAPJR) e um assessor nacional.

1989:

Ocorre a 8ª Assembléia Nacional da PJ, cujo tema principal é o Jovem Trabalhador.

Pastoral da Juventude Geral



A PJ Geral é a sigla usada em muitos lugares do Brasil para significar uma Pastoral da Juventude que ainda estão processo de iniciação mas que tem perspectiva de levar os jovens a militância na comunidade eclesial e nos meios específicos (universidade, escola, trabalho, bairro popular) e nos organismos intermediários que se encontram dentro destes meios: movimento estudantil, sindicatos, movimentos populares, associações de bairro, partidos políticos.

Este modelo da Pastoral da Juventude coloca ênfase na opção e ótica dos empobrecidos, porém, não insiste numa separação entre as classes sociais. Acredita que o avanço despertado da consciência de classe depende mais da qualidade de acompanhamento e perigologia usada do que da formação de pastorais separadas para a classe popular e a classe média. Os jovens pobres vão adquirindo uma consciência de classe assumindo-se como membros de sua classe. Os jovens da classe média vão fazendo uma opção pelos pobres, na medida em que se percebem membros de uma classe não transformadora" (5º ANPJ). Onde há uma separação natural das classes sociais, por exemplo, periferias urbanas, grupos da mesma classe, utilizam subsídios específicos.

A PJG prioriza o acompanhamento dos iniciantes, procurando usar uma pedagogia libertadora que leva em conta o nível de consciência dos jovens iniciantes e que parte das motivações e aspirações reais destes jovens para despertá-los para a consciência crítica e de classe, o engajamento e a opção pelo projeto de Jesus Cristo.

Entende-se que os militantes, sobretudo, os que não tem vocação para trabalhar com iniciantes, devem ter seu espaço de organização e profundamento para fazer frente aos desafios e questionamentos que surgem do seu engajamento. É o desafio de organizar uma pastoral de militância.

Embora que a grande maioria dos participantes da PJG seja composta de iniciantes, seus quadros de Pastoral da Juventude Orgânica

reção, na maioria das vezes, são militantes na comunidade eclesial e no movimento político-social. Participam, também, militantes que não são da coordenação. O que caracteriza a PJ Geral é a prioridade que se dá uma pedagogia para iniciantes, que não queima as etapas de conscientização e educação da fé.

A PJG é composta, em grande parte pelos 50.000 grupos de jovens em paróquias e comunidades de base. Organiza-se a partir dos grupos de base com coordenação paroquial e nos demais níveis. O acompanhamento é confiado à Coordenação Nacional de Pastoral da Juventude (CNPJ) e à Comissão Nacional de Assessores (CNAPJ). Ambas as Coordenações incluem, também, representantes das Pastorais de Juventude Específicas.

A CNPJ é formada por jovens indicados pelas coordenações da PJ dos Regionais da CNBB, pelas coordenações nacionais das PJ de Meios Específicos, pelo bispo que responde pelo Setor Juventude na Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB e pelo Assessor Nacional.

A articulação é feita através de reuniões da coordenação, de assembleias deliberativas dos representantes das coordenações regionais, e de seminários nacionais de assessores da PJ.

A Nível de América Latina há um encontro anual, promovido pelo CELAM, com participação de delegados da CNPJ. Este encontro tem a finalidade de traçar linhas comuns para o trabalho de conjunto na PJ do continente.

As Pastorais Específicas da Juventude

A PJ caminha para fortalecer cada vez mais as pastorais especializada para cada meio específico, com sua autonomia própria em relação à PJ Geral, embora se mantenha a unidade de organização através da Pastoral Orgânica. Estas pastorais específicas buscam iluminadas pela mensagem do Evangelho, dar resposta eficaz aos vários desafios que se apresentam nos meios nos quais os jovens vivem: a universidade, a escola o meio popular rural e o meio popular urbano.

Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)

A Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), desde 1978, a partir do Nordeste, vêm se espalhando pelo Brasil afora, possuindo hoje uma articulação nacional.

Tendo em vista sociedade dividida em classes, a PJMP é um modelo de pastoral situada dentro da classe popular para contribuir na transformação da sociedade, à luz do Projeto de Deus, revelado e vivenciado por Jesus Cristo Libertador.

A PJMP nasce no meio eclesial e se situa, desenvolve e organiza dentro da classe popular. É uma forma dos jovens empobrecidos da cidade e do campo serem Igreja, e ao mesmo tempo, se engajarem nos Organismos Intermediários de transformação da sociedade, sempre na fidelidade ao Projeto Libertador de Jesus Cristo e ao compromisso da classe oprimida.

Como organização de jovens cristãos popular, a PJMP tem como objetivo geral “Evangelizar os jovens da classe popular no meio em que eles vivem e atuam, anunciando a Pessoa e o Projeto de Jesus Cristo Libertador com vista a uma prática libertadora na Igreja, na sociedade, na família e em todos os momentos da vida do jovem”.

Embora adquira em cada região formas próprias de organização - grupos de iniciantes e/ou militantes, no campo e/ou na cidade, de acordo com a realidade local, a PJMP possui algumas características comuns a todas elas:

A Pastoral de Juventude do Meio Popular acredita que a transformação da sociedade aconteça a partir da classe oprimida e por isso prioriza a sua organização a partir desta classe e consequente compromisso na mesma.

A PJMP se caracteriza pela evangelização e consciência de classe baseada na análise da realidade e fundamentada na Bíblia: A realidade que está aí “é contrária ao Plano do Criador” (Puebla 28) e, portanto, é preciso “anunciar Notícias Boas para os pobres, libertar os presos e oprimidos, fazer com que os cegos enxerguem e proclamar a chegada de tempo novos” (Lucas 4, 18-19).

Como Pastoral orientada para a militância a PJMP trabalha para que os jovens se encontrem, se aceitem e se assumam como cidadãos da classe oprimida, integrados nas lutas populares, identificados e defensores do Projeto Libertador de Jesus Cristo.

Pastoral da Juventude Estudantil (PJE)

A PJE surgiu em 1984 como ramo especializado da PJ procurando recuperar os grandes enfoques e pedagogia da juventude Estudantil Católica (JEC), porém, adaptando-os a um outro contexto social e eclesial. A PJE é a ação organizada dos jovens cristãos estudantes, na busca do Reino de Deus no meio específico em que vivem. Os

Pastoral da Juventude Orgânica

agentes da PJE são os próprios jovens que se evangelizam evangelizando o "meio" e a sociedade em que estão.

A PJE tem como campo privilegiado de atuação a organização e a luta do Movimento Estudantil. Aí ela se torna, também, uma estrutura de apoio às reivindicações dos estudantes nas entidades que os representam.

A PJE é formada por núcleos e grupos organizados ou em vias de organização. A criação de núcleos e grupos se inicia através de cursos, contatos pessoais, encontros no meio estudantil, paróquias e dioceses. A PJE do Brasil, como instância da juventude estudantil cristã organizada, alimenta sua ligação com a JECI (Juventude Estudantil Católica Internacional). Conta hoje com assembleias nacionais anuais, seminários nacionais de militantes e assessores e uma coordenação nacional.

Pastoral da Juventude Rural (PJR)

A PJ Rural visa acompanhar os jovens do campo em seu crescimento pessoal e comunitário à luz do Evangelho, ajudando-o a redescobrir sua identidade, seus valores religiosos e tomar consciência de seus direitos sobre a terra, a fim de abrirem, junto com outros jovens e com adultos camponeses, canais de expressão e de organização, transformando-se em agentes de mudança, semeadores da esperança de uma sociedade mais justa e fraterna.

A PJ Rural teve seu início de caminhada em 1983 no Rio Grande do Sul. Hoje já está articulada em vários regionais e dioceses e cresce a consciência da necessidade de superar uma marginalização do jovem rural dentro da PJ, criando um espaço próprio para ele. A partir de 1989 tem uma articulação nacional através de encontros de representantes diocesanos e regionais de jovens e de assessores, seminários de estudo, Coordenação Nacional (CNPJR), Comissão de Assessores (CNAPJR) e Assessor Nacional. Vai desenvolvendo e clareando seu marco operacional e sua metodologia. Elabora e divulga subsídios específicos para os jovens inseridos na realidade do campo e nas lutas pela terra.

Pastoral Universitária (PU)

PU é o nome dado historicamente à organização dos estudantes na Pastoral da universitária. Seu objetivo é a evangelização do ambiente universitário, nas suas pessoas e estruturas e enquanto centro de produção e de sistematização do saber. Procura resgatar esse saber a serviço dos reais interesses das classes populares, com as quais deve conviver, para transferir suas necessidades e aspirações à universidade.

Articula-se, em nível nacional, através da Comissão Nacional, de Encontros Nacionais e de cursos de formação para assessores. Há um assessor nacional indicado pela CNBB, a partir de uma lista tríplice apresentada pelos participantes dos encontros nacionais. A Base da PU são os grupos de militantes no meio universitário.

Objetivo e Espiritualidade da PJ

A PJ visa ajudar o jovem a transformar-se em "homem novo" e a "mulher nova", por meio de uma autêntica vivência do Evangelho, e impulsionar o jovem a que na medida em que evangeliza, evangelize e transforme seu meio específico, de acordo com os valores cristãos.

A PJ define seu objetivo em consonância com o objetivo da ação pastoral da Igreja no Brasil.

Evangelizar

- * O povo brasileiro em processo de transformação social, econômica, política e cultural.
- * Anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem.
- * à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres.
- * Pela libertação integral do homem numa crescente comunhão e participação.
- * Visando formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna.
- * Sinal do Reino definitivo.

À luz desse objetivo e das diretrizes gerais da CNBB, a PJ Orgânica explicita sua visão de fé em Jesus Cristo e na Igreja, e o tipo de homem e mulher, de sociedade e de Igreja que deseja ajudar a construir.

A PJ quer oferecer elementos e condições, para que os jovens possam conhecer e aderir livre e conscientemente a Jesus Cristo e a seu projeto, para se tornarem agentes evangelizadores na Igreja e na sociedade. Iluminada pela verdade sobre Jesus Cristo, a Pastoral da Juventude Orgânica

Igreja e o homem, ela quer definir sua identidade e planejar sua ação.

A espiritualidade na PJ

A PJ parte do fato de que a sua espiritualidade é viver o estilo de vida de Jesus Cristo. O livro do Celam descreve os traços fundamentais dessa espiritualidade. Os jovens são convidados a se doar pelos irmãos, enquanto ajudam a construir uma sociedade sem vítimas e sem fabricantes de vítimas, numa sociedade que expresse a verdadeira fraternidade dos filhos de Deus.

Na realidade Latino-americana e nos países pobres do Terceiro Mundo, seguir o caminho de Jesus torna-se uma espiritualidade de conflitos, um desafio permanente da vida fazer frente à injustiça institucionalizada, uma doação voluntária em favor da vida dos irmãos.

É uma espiritualidade alimentada pela Palavra de Deus, vivida em comunidade e celebrada na liturgia. Ela se expressa na oração pessoal e comunitária; no louvor e adesão ao Pai, na opção preferencial pelos pobres, na disponibilidade para servir na esperança profética, no amor transformador, no perdão libertador, no espírito missionário, na encarnação e inserção histórica em solidariedade com a luta dos oprimidos.

A PJ vê um exemplo e modelo vivo dessa espiritualidade em Maria, Mãe de Jesus, nos mártires e em outros cristãos comprometidos com a libertação de todas as formas de pecado e escravidão. O testemunho dos mártires da América Latina é para os jovens militantes um exemplo concreto e próximo de uma espiritualidade libertadora.

João Paulo II lembrava aos jovens em sua visita ao Brasil (01.07.80), que “é urgente colocar Jesus como alicerce da existência humana (...) Os melhores amigos, seguidores, apóstolos de Cristo, foram sempre aqueles que percebem um dia, dentro de si, a pergunta definitiva, incontornável, diante da qual todas as outras se tornam secundárias e derivativas: “Para você, quem sou eu? A vida, o destino, a história presentes e futura de um jovem, dependem da resposta nítida e sincera, sem retórica nem subterfúgios, que ele puder dar esta pergunta. Ela já transformou a vida de muitos jovens”.

A Pastoral da Juventude procura aprofundar, através de retiros e da revisão de vida e da prática, os elementos fundamentais da espiritualidade: o culto e louvor a Deus como Absoluto da vida e Senhor da história, o Espírito Santo como para toda a ação transformadora, o seguimento de Jesus Cristo, a inspiração bíblica e a celebração litúrgica, a opção preferencial pelos pobres, a oração pessoal e comunitária, a devoção aos que nos precedem na fé.

A experiência pessoal de comunhão com Jesus Cristo e adesão ao seu projeto de vida levam o jovem a comprometer-se com uma comunidade eclesial concreta, sinal da própria pertença ao Povo de Deus.

O jovem descobre, pela reflexão bíblica, que Jesus Cristo, centro e fim da história humana e fonte de toda espiritualidade cristã, viveu situado na sociedade do seu tempo. Seu projeto de vida foi corajosa tomada de posição na defesa de valores que conflitavam com os critérios socio-político-religioso da época. Anunciou o Reino de Deus a todos. Rejeitado pelos detentores do poder, experimentou o abandono dos seus, mas amou a todos até o fim, assumindo a morte de cruz.

A Metodologia da PJ

A experiência levou a PJ a adotar em sua prática a metodologia dos pequenos grupos de base que criam relacionamento de irmãos, confrontam a vida com Evangelho e formam lideranças jovens para um engajamento na comunidade eclesial e na sociedade.

São aspectos fundamentais dessa metodologia:

O uso do método VER-JULGAR-AGIR

Ver supõe a apreensão dos fatos, suas causas e consequências. É preciso partir de fatos concretos para não cair em suposições ou abstrações vazias. Faz-se necessário aprofundar as causas, perceber os conflitos e possibilitar uma visão globalizada que oriente ações transformadoras. É importante perceber as manifestações e desdobramentos possíveis, as consequências no presente e no futuro das questões colocadas como objeto de análise. Isso possibilita acompanhar criticamente a médio prazo os resultados da ação em curso.

As ciências sociais são usadas como mediações essenciais na análise da realidade. É importante lembrar que o ver não é neutro. Na abordagem da realidade estão presentes pressupostos teóricos, inspirados em critérios, valores e ideologias.

Julgar a realidade à luz da Palavra de Deus é momento privilegiado, pois, nisso se situa a específico cristão. Ali se faz o confronto entre a realidade interpretada pelas Ciências Sociais e a Palavra de Deus experimentada na fé. Por isso o julgar exige o aprofundamento e a explicitação das razões fundamentais que animam a fé e o estabelecimento de critérios cristãos que auxiliem no julgamento da realidade. Na verdade, a

palavra de Deus é fonte, luz e caminho.

Agir sobre a realidade implica dois passos: planejamento e execução, em vista de uma transformação pessoal e social. O agir é a teoria traduzida na prática que necessita ser constantemente avaliada.

O jovem é o protagonista da PJ

Na Pastoral da Juventude o jovem deve ser o sujeito do processo de evangelização, isto, é o jovem evangeliza o próprio jovem.

Por isso em toda sua estrutura de organização são os jovens (assessorados por assessores adultos) que decidem os rumos da PJ através de suas representativas e legítimas instâncias de decisão, em todas os níveis (paroquial, diocesano, regional e nacional). O caráter dialogal, fraterno, democrático e pluralista é um aspecto a ser mantido nas diversas instâncias da PJ. Ele promete, em comunhão com todo corpo eclesial sadio confronto, participação aberta e planejamento que promovem a participação corresponsável de todas nas decisões, na sua execução e avaliação.

Os leigos adultos, presbíteros e religiosos (as) cumprem o papel de assessores. O assessor deve ser testemunho de vida para os jovens, coloca-se a serviço deles com disponibilidade, ter preparo, reciclar-se em espiritualidade, teologia, ciências humanas e metodologia adequadas. É preciso entretanto, consciente do próprio responsabilidade e dos desafios na vida dos jovens, que se dedique ao estudo, à reflexão sobre a prática e à troca de experiências com outros assessores. (cf. doc. Estudos, CNBB n. 44).

Uma evangelização por etapas.

A Pastoral da Juventude inicia o processo da formação dos jovens com a etapa da nucleação, visando atingir a massa de jovens e despertar lideranças. O processo continua com a etapa da iniciação, respeitando a pedagogia de conscientização na fé. Os jovens fazem a descoberta do valor e da importância do grupo como espaço de vivência de novos valores: descobrem a importância de estarem articulados com outros grupos através da organização mais ampla da pastoral; tomam consciência da realidade que os rodeia, na comunidade e na sociedade global, dos problemas sociais e estruturais.

Amadurecidos nessa experiência. Passam à etapa da militância, tempo de opção por uma vocação específica na comunidade eclesial e na sociedade. A descoberta das várias etapas percorridas ajuda-os a tomar consciência do processo todo e a respeitá-la na caminhada dos novos grupos que iniciam.

Preocupação por uma formação integral

A evangelização dos jovens terá sucesso à medida que responda globalmente às necessidades e aspirações dos mesmos. Por isso, do ponto de vista pedagógico, é importante que o anúncio evangélico e a catequese não sejam realizados apenas de forma abstrata, mas dentro de um contexto vivencial e por meio de paciente e constante acompanhamento.

A formação, isto é, dar atenção às diversas dimensões da pessoa humana:

A dimensão da personalização contempla o aspecto psico-afetivo do jovem, na afirmação de sua personalidade, no relacionamento familiar e grupal, na busca da amizade, na opção pelo casamento ou por uma vida especial consagração.

A dimensão da integração atende à inserção do jovem no grupo, na comunidade e na sociedade global, superando instabilidades e inseguranças, para perseverar nos compromissos assumidos.

A dimensão política compreende a participação do jovem na organização da sociedade, das relações econômicas, políticas e sociais. A PJ procura fomentar nos jovens o senso crítico, a capacidade de analisar a realidade cultural e social do mundo onde vivem. Ajuda o jovem a conhecer os sistemas políticos vigentes e as ideologias que os fundamentam. Ajuda também a conhecer a doutrina social da Igreja e a viver a fé no dia-a-dia do compromisso comunitário e sócio-político.

A dimensão teológica e teologal refere-se à espiritualidade e à mística do jovem cristão. A PJ procura seguir uma pedagogia libertadora, expressa na Carta Apostólica "Evangelii Nuntiandi" de Paulo VI e nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (Doc 38 & 8-11). O processo da evangelização exige anúncio, denúncia, testemunho, adesão de coração, entrada numa comunidade, participação nos sacramentos e serviço aos irmãos.

A dimensão da capacitação técnica engloba os aspectos da liderança e da coordenação nos grupos e na PJ, a metodologia e a pedagogia na ação pastoral, a dinâmica de grupo, articulação e organização interna da PJ, os princípios, as políticas e as estratégias da ação transformadora da sociedade.

A formação pessoal, social, ética, religiosa e política deve impelir os jovens a uma honestidade de princípios e de práticas que dê primazia à pessoa face às instituições, ao social face aos interesses individuais, e que leve à opção pelo compromisso político e à consciência de cidadania inspiradas na fé.

Uma ação globalizada à luz das dimensões da ação pastoral da Igreja no Brasil.

Dimensão comunitária e participativa - vivência fraterna profunda, onde todos os cristãos tenham possibilidade de conviver, de participar e de decidir como irmãos, conforme o carisma e a missão que a cada um são concedidos, fazendo a experiência de comunidade e de Igreja.

Dimensão Missionária - consciência de que cada comunidade, cada grupo de jovens, não são fechados em si mesmos, mas solidários com o projeto de Jesus Cristo no aqui e agora da história, na perspectiva da evangélica opção preferencial pelos pobres, com a valorização das diferentes culturas.

Dimensão Catequética - missão da Igreja de acolher o Anúncio do Reino de fazê-lo germinar e crescer em seu seio, com participação de todos, com o compromisso de gerar, pelo testemunho, serviço e ação a palavra de Deus, na linguagem e na cultura do seu meio tornando-se portadora da mensagem libertadora de Jesus Cristo.

Dimensão litúrgica - celebração das maravilhas operadas por Deus na caminhada da PJ, à luz do mistério pascal, através de ritos e símbolos adequados à cultura, anunciando as lutas e o cotidiano do povo, em vista do seguimento de Jesus Cristo, renovando a esperança do povo peregrino.

Dimensão Ecumênica e de Diálogo Religioso - cultivo do espírito de abertura com os jovens de outras Igrejas Cristãs e expressões religiosas, comprometidos com a partilha e solidariedade, motivados pela unidade, em vista da vida plena.

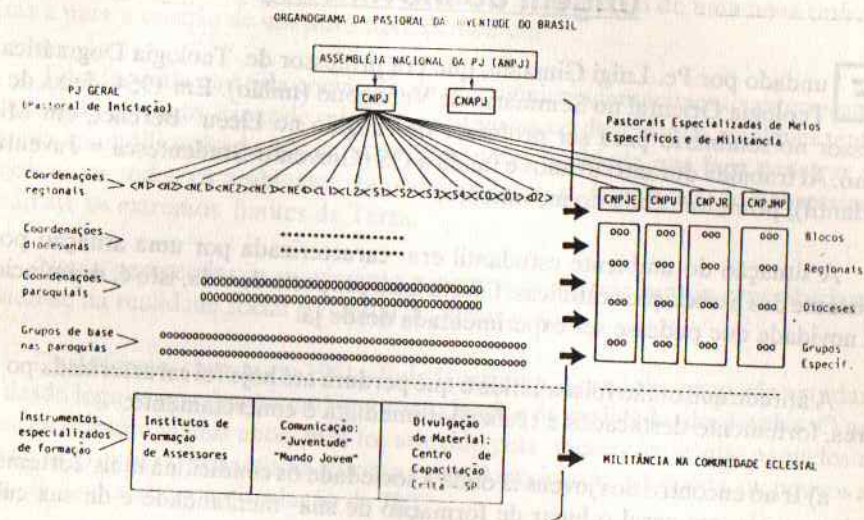
Dimensão Profético-Transformadora - compromisso de Igreja com a transformação de sociedade, através da ação e testemunho, para que seja mais justa e fraterno, anunciando os valores do Reino Definitivo.

A dimensão vocacional da PJ acontece desde o momento em que o jovem, ainda no processo de iniciação, desperta para a necessidade de viver em maior profundidade a própria vocação batismal e sua missão, como membro de uma Igreja servidora. "A vocação significa capacidade de ouvir a voz dos inocentes, dos que sofrem dos que não têm paz, conforto, guia, nem amor". (Paulo VI), e nesta voz o próprio Deus chama no mais íntimo da pessoa e envia".

Para ser eficaz, a PJ conta com estruturas de organização, coordenação nos diversos níveis, planejamento e execução da ação pastoral com objetivos definidos,

PJ e Movimentos

avaliação e revisão de vida, liberação e capacitação de lideranças e assessores, formação teórica e prática através de cursos e retiros, leituras e grupos de estudo, práticos libertadores e celebrações litúrgicas.



Conteúdo e Metodologia dos Movimentos

Antes de mais nada queremos lembrar que será impossível tratar de todos os movimentos eclesiais que trabalham com a juventude. Como acenamos antes, escolhemos tratar das CUB's (Movimento de Comunhão e Libertação), Renovação Carismática Católica, GEN (ala jovem do Movimento Folclorari) e os denominados Movimentos de Encontro.

A razão da escolha é o fato desses movimentos representarem um universo mais amplo de trabalho com juventude por serem movimentos maiores e que também atingem maior número de jovens.

No que toca aos Movimentos de Encontro (que são inúmeros e que em grande parte têm sua matriz nos Cursilhos) tentaremos visualizar os elementos comuns a todos ou maior parte deles, deixando particularidades para o interesse pessoal do leitor.

Pastoral da Juventude Orgânica

Movimento Comunhão e Libertação

(A denominação CUBs não se usa mais.)

Origem do Movimento

Fundado por Pe. Luigi Giussani, que era professor de Teologia Dogmática e Teologia Oriental no Seminário de Venegono (milão). Em 1954 deixa de ser professor no seminário para ser professor de religião no Liceu Berchet, em Milão mesmo. Aí trabalha durante 10 anos e funda a GS (Gioventù Studentesca = Juventude Estudantil), primeira célula do movimento.

A situação do ambiente estudantil era caracterizada por uma atuação pouco consistente das associações católicas: faltava uma proposta de vida, isto é, o anúncio de uma novidade que pudesse ser experimentada desde já.

A atitude que então foi assumida e que perdura até hoje foi caracterizada por três fatores, fortemente destacados e realizados imediatamente e concretamente:

a) Ir ao encontro dos jovens lá onde a sociedade os condiciona mais fortemente, isto é, a escola, em geral o lugar de formação de sua mentalidade e de sua cultura (atenção ao ambiente humano no qual o jovem vive);

b) Propor Jesus Cristo aos jovens como o centro do significado de suas vidas e de toda a realidade (formação cristocêntrica);

c) Favorecer a agregação dos jovens em nome de Cristo no ambiente da própria escola, como método para viver e experimentar a proposta de Cristo como centro de vida (aspecto eclesiológico).

A tentativa de GS iniciada em Milão difundiu-se rapidamente também em outras cidades italianas, através da comunicação espontânea de jovens que se deslocam para outras cidades, quer por causa das férias, quer por outras razões familiares.

Entre os grupos que assim se formaram nos diversos lugares começou um relacionamento de amizade, de troca e de ajuda mútua.

A explosão da contestação nas universidades e escolas italianas (1968-1969), provocou uma crise na GS de Milão e de outras cidades. Porém, decorridos alguns meses, promoveu-se um aprofundamento da postura, o que tornou possível a retomada

da identidade cristã no meio dos tumultos dos acontecimentos políticos.

A definição de identidade de cristãos expressou-se na fórmula "Comunione e Liberazione". Ela procura responder sistematicamente a necessidade de uma transformação político-social, exigida por muitos para a instauração de uma nova ordem das coisas e para a criação de um novo tipo de homem.

Essa fórmula parte da convicção de que o único acontecimento autenticamente libertador e, portanto, capaz de valorizar os aspectos verdadeiros de qualquer tentativa humana, é a edificação da Igreja, através de uma realidade que faça penetrar a sua presença em todos os ambientes, buscando dilatar as dimensões do acontecimento cristão até os extremos limites da Terra.

Nessa perspectiva, o movimento procurou encontrar outras experiências, inserindo-se na realidade social e eclesial de vários países.

Desta forma, chegou em 1961 a Belo Horizonte, o primeiro grupo de estudantes, que desde logo se engajou no ambiente estudantil e na realidade das favelas. O grupo floresceu durante alguns anos, mas foi atingido pela mesma crise que naqueles anos sacudiu os grupos estudantis na Europa e nas Américas; nessa época, ou poucos anos antes, deu-se também a dissolução da JUC.

Nos anos 70 outro grupo começou em São Paulo uma presença numa das realidades mais pobres da periferia, dedicando-se à formação de CEB's e à promoção humana nas favelas.

Em 1975, por iniciativa do Cardeal de São Paulo, deu-se início a uma reconstrução da presença cristã na universidade. Nasceram assim as Comunidades Universitárias de Base (CUBs), que rapidamente se difundiram, aprofundando sua identidade originária.

Ao mesmo tempo, a experiência foi-se desenvolvendo em Belo Horizonte, Maranhão, Rio de Janeiro, Brasília, Macapá e outras cidades, assumindo explicitamente a identidade de Comunhão e Libertação.

Cresceu também nesses anos uma realidade de adultos do Movimento, devido à necessidade de se continuar, numa dimensão mais madura e definitiva, a proposta educativa encontrada na juventude.

Acolhendo e valorizando o amadurecimento desta experiência no mundo inteiro, a Santa Sé com decreto do dia 11 de Fevereiro de 1982, reconheceu a "Fraternidade de Movimento Comunhão e Libertação"

Comunhão e Libertação” erigindo-a com personalidade jurídica de Direito Pontifício.

A intuição originária do Movimento, isto é, a paixão pela memória de Cristo e pela manifestação de sua presença no ambiente, teve novo ímpeto missionário a partir do encontro com o Santo Padre por ocasião dos 30 anos de fundação do Movimento.

Atualmente o Movimento está presente em mais de trinta nações nos cinco continentes.

Ao mesmo tempo aqui no Brasil o Movimento desenvolveu-se unitariamente nos diferentes lugares do país dando continuidade à presença e ao serviço nas igrejas locais.

Não sendo uma associação com controle de inscrições temos só alguns dados que dizem respeito ao período em que foi apresentado o pedido de reconhecimento da Fraternidade, antes da explosão missionária.

A estimativa na época, segundo Mons. Cordes era de cerca de 30.000 alunos e professores da área secundarista, 800 estudantes e professores universitários, 17.000 trabalhadores em 100 dioceses e 15000 adultos.

Conteúdo - Essência do Anúncio Cristão

O homem é exigência de totalidade. Poderíamos dizer também que é exigência de perfeição, de felicidade e satisfação total - o vértice da razão e do “coração”, segundo a linguagem bíblica em busca desta plenitude e o relacionamento com o infinito. Isto constitui o senso religioso que define a condição humana na sua raiz verdadeira. Quem ou o quê, pode assegurar ao homem a realização deste anseio?

Só na companhia do Divino, do Mistério que se lhe coloca ao lado, compartilhando sua condição humana, o homem pode encontrar resposta à exigência suprema de sua vida, a salvação. Por isso o próprio destino do homem tornou-se seu companheiro de caminho, fez-se homem: o Cristo.

Este acontecimento constitui o centro do cristianismo. Característica do acontecimento é perturbar a vida entrando nela como um fator que não deixa as coisas do jeito que estavam.

Com efeito perturbou inicialmente a estrutura física de Maria como também o conformismo obtuso do povo diante do poder e o tranquilo domínio dos intelectuais e políticos de então, até perturbar o mundo inteiro.

Por isso o Movimento não se propõe a pura repetição verbal do Anúncio que Deus se fez homem, mas quer comunicar a existencialidade, a realidade deste Anúncio.

A primeira categoria que serve para compreender a posição da experiência de Comunhão e Libertação dentro da Igreja é tornar a fé um acontecimento. O Movimento nasceu e existe até hoje só para afirmar a realidade da presença de Cristo que muda a realidade e a história. Por isso a presença é outra categoria que define a natureza do Movimento.

Ser presença quer dizer, ser estar em uma situação deixando Cristo acontecer na pessoa e nas suas relações. Não se trata de fazer discursos. Se anúncio de Cristo é pura “palavra” não deixa marcas, porque quem escuta pode considerá-lo do ponto de vista psicológico como uma “opinião” pessoal ou como palavras vazias.

O verdadeiro anúncio se faz através daquilo que Cristo perturbou na nossa vida e através da mudança que ele realiza na pessoa. Origem, método e finalidade de todas as iniciativas de carácter cultural, social, político é o testemunho da mudança que esta presença gera na pessoa e na sociedade.

A realidade na Igreja - De que modo a realidade de Jesus Cristo atinge os homens? É na resposta a esta pergunta que se situa a autêntica realidade do mistério cristão. A realidade de Jesus Cristo não está circunscrita aos limites de seu corpo e ao âmbito de sua ação como homem: o poder divino que está nele faz com que assimile, de modo misterioso, porém real, as pessoas que aderem a ele. Sua personalidade se expande, invadindo o tempo e o espaço, integrado como parte de seu ser as pessoas e as coisas que o Pai coloca no curso de sua misteriosa maturidade. A realidade plena de Jesus Cristo é este “Corpo Místico”, como o chama São Paulo, ou “a Igreja”, como a chama a história. É através dela que Jesus Cristo chega até aos homens e os gera para uma nova mentalidade e uma nova vida. A difusão do cristianismo, no mundo, realizou-se através da presença do mistério da Igreja, e que coincide com a figura de Cristo em cada momento específico da história.

Assim também em todos os ambientes, o Reino de Deus e a realidade cristã nascem e se comunicam na medida em que a Igreja estiver presente neles. A autenticidade desta presença é a condição para que o poder de Deus realize a mensagem cristã e gere a convicção e a conversão nas pessoas.

Fazer com que a Igreja esteja presente num ambiente é o princípio máximo do método cristão de Comunhão e Libertação. As comunidades de Comunhão e Libertação têm esse objetivo exclusivo: ser ambientes nos quais a Igreja vive. Ambiente:

aquelas particularidades nas quais o indivíduo está imerso com certa estabilidade de modo que sofre influência dele em sua fisionomia e desenvolvimento de sua personalidade. A escola e o trabalho são os dois ambientes nos quais Comunhão e Libertação intensifica suas atividades para renovar neles uma clara presença cristã. Não significa que neles não existam desejos e esforços autênticos de verdade e libertação. Mas só na Igreja encontram sua verdade e realização definitiva.

Processo educativo

Para Comunhão e Libertação a educação consiste no possibilitar ao jovem fazer experiência da realidade total. Total sob um duplo ponto de vista: enquanto desenvolvimento de todas as exigências de um indivíduo até sua realização integral e ao mesmo tempo afirmação de todas as possibilidades de conexão ativa dessa exigência com a realidade. Mas como a realidade não é nunca completamente afirmada se não é evidenciada por seu significado, a educação deve implicar tudo o que contribui para explicar e amadurecer o senso religioso.

Para tudo isso o jovem deve receber uma hipótese explicativa unitária que o liberte da dissociação reinante no meio da qual inevitavelmente vem encontrar-se diante de disparidades e contraditoriedades de propostas e soluções da sociedade e em particular da escola. Ora, a natureza mesma oferece a cada homem uma hipótese de trabalho fazendo-o nascer em uma tradição. Mas esse confronto, para ser fecundo, deverá situar-se não sob o plano dialético, discursivo, ideológico, mas sob o prisma experiencial.

A lealdade para com a tradição é requerida por um compromisso global com a existência, mas é preciso que a riqueza tradicional seja aplicada à problemática vida, através do crivo crítico que está dentro de nós, inato, porque dado originariamente. Se a tradição é usada assim criticamente torna-se fator de personalidade, material para rosto específico, para uma identidade no mundo.

Assim conjugam-se dois aspectos: a referência objetiva a um outro e a criatividade pessoal. Neste sentido aparece também o valor da autoridade na Igreja e na comunidade. É diante de um exemplo mais amadurecido de fé que a liberdade, vislumbrando melhor o seu objeto último, entra em ação.

Traduzida em termos de dignidade humana a adesão a este exemplo chama-se “seguir”. Longe de se tratar (como muitos quiserem propositalmente mistificar como se este fosse o método de Comunhão e Libertação), de uma entrega irracional, o

“seguir” é o ato que mais do que qualquer outro requer o exercício da inteligência para avaliar se e como se realiza a verificação da proposta de valor que a autoridade personifica.

Esta “autoridade”, nós a qualificamos muitas vezes como “graça, dom” ou, para falar mais laicamente, o surto de uma hipótese de trabalho a ser verificado.

Comunhão e Libertação é uma tentativa de introduzir pedagogicamente o valor objetivo do relacionamento com a autoridade da Igreja, que é serviço à plena realização da pessoa e da comunidade.

Metodologia

De um ponto de vista metodológico a experiência de Comunhão e Libertação focaliza os seguintes aspectos:

A unidade sensivelmente expressa entre os cristãos como resultado socialmente relevante de uma comunhão entre todos aqueles que se deixam alcançar pelo Acontecimento vivo de Cristo.

O mínimo indispensável desta expressão é a participação nos Sacramentos; estes, na medida em que são vividos conscientemente, tendem a gerar uma estrutura comunitária de vida, um modo de conceber a própria existência e a do mundo, um modo de avaliar os acontecimentos, de programar o futuro, de considerar o próprio trabalho, de lidar com a realidade. Os sacramentos, vividos conscientemente, exigem uma concepção e uma participação na vida como Comunhão; eles revelam a unidade em Cristo como a verdade mais profunda do próprio eu pessoal e libertam, do fundo deste “eu”, o desejo de exprimir sensivelmente e difundir socialmente essa unidade justamente como maior bem para a ordem do mundo e o caminho dos homens para a felicidade: “Todos nós somos uma só coisa, pois participamos do mesmo Pão”.

Esta vida de comunhão se articula segundo três dimensões essenciais: cultura, caridade, missão, sendo a dimensão abertura à totalidade que todas as ações do homem devem ter para serem humanas.

1. Em primeiro lugar a dimensão cultural que consiste na busca para reconhecer os nexos da realidade a consciência crítica e sistemática da experiência que é vivida no Movimento. Se a pessoa de Cristo dá sentido a todas as coisas nada mais há no mundo e na vida fora do nexo com Ele. Logo a verdadeira dimensão cultural cristã se realiza

no confronto entre a verdade da pessoa de Cristo e a nossa vida com todas as suas implicações. Na realidade, o que salva o universo do absurdo não é uma idéia abstrata de um mecanismo, mas uma pessoa: Cristo.

As fontes privilegiadas do trabalho cultural são os documentos do Concílio Vaticano II, o documento de Puebla e o Magistério da Igreja especificamente na América Latina.

2. Outra dimensão é a que chamamos de "caritativa" para demonstrar que um relacionamento é humano na medida em que é gratuito; se não, a degradação é inevitável. Entendemos por caritativa uma forma específica de compartilhar a vida dos outros em suas carências espirituais, morais, culturais e materiais. Como as necessidades materiais são as mais imediatamente evidentes, a preocupação em assumi-las é uma ótima educação para uma caridade mais profunda e total. Em sentido amplo, isto se dá em qualquer ambiente, mas do ponto de vista pedagógico e histórico se desenvolve de forma particular como opção preferencial pelos pobres.



A gratuidade que anima o itinerário educativo de Comunhão e Libertação, está como fundamento do processo de libertação em que o Movimento se empenha mediante a realização de obras enraizadas na fé e desenvolvida a partir dos pobres.

Exemplos destas obras que documentam o começo de uma libertação em ato são: recuperação e urbanização de favelas, centros de formação e educação popular, centros de solidariedade (para atender problemas de desemprego, subemprego e de qualificação profissional), creches comunitárias, centros culturais, cooperativas universitárias, escolas agrícolas, etc. Estas obras são sinais de força transformadora que nasce da fé.

3. A iniciativa missionária é a lógica consequência do desejo de comunicar a todos a novidade experimentada. Segundo Comunhão e Libertação, para "contagiar" as pessoas e não só "contactá-las" é necessário que o que se anuncia faça parte de uma experiência de fé na qual o encontro com Cristo Salvador dentro de um evento de comunhão seja experimentado como verdadeiro e eficaz pela própria pessoa. O primeiro lugar desse testemunho deve ser o próprio ambiente de vida: família, escola, trabalho, etc. Mas a caridade é por sua natureza católica, isto é, exige uma totalidade de horizontes para os quais abrir-se e ao qual adere. Possuir o sentido do Reino é ter o sentido missionário sem limites e sem excluir ninguém.

Processo de participação de CL

○ início é designado com o termo "Encontro" - pessoas ou grupos que suscitam um fascínio capaz de dar uma resposta a quem busca o valor da vida. Os momentos e formas desse encontro são: os inumeráveis gestos de acolhida, de ajuda à descoberta da gratuidade, expressão artística, festa litúrgica. Tudo isso para manifestar o encontro com Cristo. O "Encontro" não é um gesto para introduzir alguém mas um envolvimento da pessoa dentro do acontecimento de Jesus Cristo.

A Companhia é experiência do "encontro" cresce na convivência, na companhia junto aos que já começaram esta experiência nova. O termo "sequela" expressa esta instância metodológica. A sequela tem como objetivo verificar uma hipótese. Segue-se alguém que demonstra possuir uma riqueza humana não por simples imitação mas para assimilar o valor, para revelar a experiência consciente e viva de Deus. Esta "sequela" à medida que amadurece torna-se mais criativa, construtiva, caracterizada por juízos e decisões pessoais. Dessa forma a pessoa se torna protagonista no ambiente e na sociedade. Por isso, dois elementos adquirem muita força: os sacramentos e a oração.

Consequência do Caminho é o cristão adulto na fé. Quais são os critérios para se conhecer esse momento?

1) Consciência clara, nítida, da própria identidade à luz do mistério de Deus;

2) Capacidade de anúncio, proposta, missão, testemunho, construção de obras. Isso nasce da paixão do coração que quer comunicar os motivos da própria plenitude e da própria operosidade em todas as circunstâncias, inclusive as mais dramáticas.

Organização, Estrutura e Articulação

Pe Giussani é indiscutivelmente o líder carismático do Movimento e por isso ponto de referência para a autenticidade da experiência. Órgão supremo coordenador e o Conselho Internacional, composto por representantes das várias nações e pelos responsáveis pelos setores missionários. A nível nacional existem 3 equipes de responsáveis: Secundaristas, universitários, trabalhadores. Coordenações semelhantes existem a nível regional e local. São denominados "Diaconias". É função delas ajudar a comparação entre o carisma e os problemas que se apresentam nas circunstâncias cotidianas.

Atividades formativo pedagógicas

Dado que Comunhão e Libertação quer ser um movimento de educação da fé, a dimensão formativa é constantemente privilegiada indicando momentos essenciais a oração e os gestos de presença.

A oração é alimentada pela reza das Horas Litúrgicas, pela Eucaristia, celebrações dos tempos fortes do ano litúrgico.

Os gestos de presença (caritativas, realizações de assembléias e gestos públicos nos ambientes, consultoria para os calouros, empenho nas várias obras, etc.), ter a sua origem na denominada "Escola de Comunidade". Trata-se de um confronto pessoal e comunitário com um tema que é ilustrado globalmente por um responsável. Depois meditado por cada um com ajuda de textos que desenvolvam sua aplicação na Bíblia, patrística, magistério. Depois discutida em pequenos grupos ou assembléias. O importante é o confronto leal e sério entre a própria vida e o conteúdo do texto. Completando a escola há assembléias sobre fatos, artigos, acontecimentos da atualidade, da vida do movimento ou do contexto civil, social, eclesial, a nível local, nacional, mundial. Isto para possibilitar aos membros do movimentos formarem um juízo pessoal e realizar uma ação a partir da própria identidade cristã.

O movimento se caracteriza pelo número de vocações sacerdotais e religiosas. Cresce também o grupo "adulto" que, vivendo no mundo, vivem como "consagrados" orientados por uma "regra de vida". Há também, muito intercâmbio com outros movimentos e cada jovem é chamado a ser responsável pelo movimento contribuindo com o dízimo para o fundo comum.

Atividades culturais, artísticas, recreativas

Nos colégios atenção especial é dada à revisão de currículos, textos, publicações nas quais a contribuição cultural cristã era ignorada ou mistificada. Implementar centros culturais em bairros a fim de ajudar o povo a amadurecer um juízo pessoal sobre os problemas do bairro bem como grandes temas de debates (aborto, saúde, ecologia, cooperativa, etc.). Um destaque especial merece o Instituto de Estudos para Transição (ISTRA) com sede em Milão que aprofunda o processo de transição da sociedade atual em escala mundial e o papel da Igreja em tal transição.

Notável também a atividade editorial. A revista oficial do Movimento no Brasil é "Comunhão e Libertação". A revista Trenta Giorni não é Movimento embora alguns redatores participem dele. O mesmo diga-se da Casa Editora Italiana Jaca Book e de outras obras culturais. A dimensão de criatividade artística manifesta em teatros, músicas, festas populares e artes plásticas é notável.

As férias são tempo privilegiado para aprofundar a própria comunhão de vida e para o envolvimento de outras pessoas.

Atividades de convivência e sócio-políticas

Com a finalidade de "compartilhar gratuitamente" as necessidades e a situação do outro, se estimula a ação caritativa nas formas mais variadas.

Outra atividade é a organização de cooperativas (culturais, alimentícias, agrícolas). Sobre tudo para estudantes fora de sua cidade. Para eles são promovidos também serviços médicos, jurídicos e de habitação.

Os sucessos eleitorais, no nível acadêmico e político, têm tido grande ressonância a nível nacional italiano.

No Brasil, vista a diferente situação, o aspecto mais desenvolvido, é o de uma presença no social. Isso se desenvolve por meio de obras integradas entre si das quais se falou antes.

A atividade dos denominados "católicos populares" representa a expressão mais incisiva e dinâmica do Movimento Popular nas Universidades.

Movimento GEN

Não podemos falar do Movimento GEN sem nos referirmos ao Movimento que lhe deu origem e ao qual está substancialmente ligado: o Movimento dos Focolares (Obra de Maria). Este atualmente está difundido em mais de 180 países nos 5 continentes e, como todas as obras de Deus, teve origem numa pequena semente.

Origem

Em 1943, no norte da Itália, na cidade de Trento, surge um grupo de jovens liderado por Chiara Lubich, uma jovem de 23 anos. A guerra assola toda a Europa. Os bombardeios aéreos destroem tudo. Até mesmo aquilo que constitui o tesouro da vida daqueles jovens está seriamente ameaçado, quando não totalmente destruído. E em meio esta destruição generalizada, Deus parece recordar-lhes o que nos lembra a Escritura: "Tudo é vaidade das vaidades".

Querendo dar às suas vidas um objetivo duradouro, elas se perguntam: "Haverá um ideal que nenhuma bomba possa destruir?"

"Sim, existe! é Deus!"

Mas como colocar em prática este grande ideal?

O Evangelho responde: "Nem todo aquele que me diz Senhor, senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus". Portanto, nada de sentimentalismo. Fazer concretamente a vontade de Deus: isto importa! Amar a Deus significa fazer a Sua Vontade.

Estando sempre diante da morte, fazem uma outra pergunta: "Haverá algo que agrade particularmente a Deus? Se morrêssemos, gostaríamos de ter colocado em prática, ao menos nos últimos instantes, esta Sua Vontade."

E no Evangelho encontram a resposta, um mandamento que Jesus chama seu: "Este é o meu Mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos".

Fascinadas por aquelas palavras, elas declaram umas às outras: "Eu estou pronta a morrer por ti, eu por ti, cada uma por todas". A vida dá um salto de qualidade. De fato, alguém, silenciosamente introduziu-se naquele grupo, irmão invisível, que dá segurança, uma alegria nunca experimentada, uma paz nova, uma plenitude de vida, uma luz

inconfundível. Jesus realizava naquele grupo as suas palavras: "Onde estão dois ou três reunidos no meu nome, ali estou Eu no meio deles".

Quando Cristo está presente na unidade dos irmãos, o mundo crê. Após meses, cerca de 500 pessoas de todas as idades, homens e mulheres, de todas as vocações, de todas as classes sociais, querem compartilhar aquele ideal.

Tudo é colocado em comum, como nas primitivas comunidades cristãs, bens materiais e espirituais. As palavras do Evangelho são únicas, fascinantes. Vivendo-as tudo muda: a relação com Deus, com o próximo, até com os inimigos. Chiara mesma, ao narrar a sua experiência de vida a um grupo de 10 mil budistas no Japão, afirma a este respeito: O ponto central da minha experiência consiste nisto: quanto mais se ama o homem, tanto mais se encontra Deus. Quanto mais se encontra Deus, tanto mais se ama o homem".

Difusão, Ecumenismo e Diálogo

O Movimento dos Focolares não só penetrou em 180 países do mundo, mas também contribuiu para demolir as barreiras erigidas há séculos entre as várias Igrejas cristãs, difundindo-se entre luteranos, ortodoxos, reformados, batistas, metodistas, anglicanos e outros. Os preconceitos existentes, de ambas as partes, desmoronam e constrói-se um caminho em direção à unidade.

No dia 23 de Outubro último, ao conferir a Chiara o Prêmio da Paz de Augsburg (Alemanha), o bispo luterano Hanselman assim dirigiu-se a ela: "Uma vez o Patriarca Atenágoras (da Igreja Ortodoxa), ligado cordialmente aos focolarianos e a sua fundadora, disse a Chiara Lubich: "Você é minha filha!" Agora você tem dois pais: um grande, em Roma, Paulo VI, e um mais velho aqui! Como pastor e bispo da minha Igreja, como presidente da Federação Mundial (...) gostaria de acrescentar, com gratidão: Chiara Lubich, você é nossa irmã!"

Além disso a vasta difusão fez com que o Movimento se encontrasse com pessoas de outras religiões: muçulmanos, hebreus, budistas, hindus, xintoístas, animistas...descobrimos muitas vezes uma profunda ligação em Deus com muitos deles.

E aderem também à espiritualidade do Movimento, como lhes é possível, pessoas que não seguem nenhuma crença religiosa, mas que na fidelidade à sua consciência, esforçam-se por conduzir uma vida reta.

Estes os 4 diálogos que caracterizam o Movimento dos Focolares: o diálogo com Movimento GEN

os irmãos católicos não praticantes; o diálogo com os cristãos de outras Igrejas; o diálogo com os fiéis de outras religiões; o diálogo com os não-crentes.

Articulação do Movimento

Pouco a pouco Deus foi inspirando a articulação do Movimento. E de um único tronco nasceram várias ramificações.

Ao redor dos focolares - pequenas comunidades de um estilo novo, formadas por homens ou por mulheres consagrados, aos quais se unem, na medida do possível, pessoas casadas desejosas de santidade - florescem milhares e milhares de famílias que, ampliando os próprios horizontes, empenham-se como cristãos diante dos problemas que atualmente atingem a família. É o Movimento Famílias Novas. Distinguem-se também leigos ativos que querem dar um contributo cristão à sociedade contemporânea, visando a transformação de homens e estruturas. E o Movimento Humanidade Nova. Agregam-se numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas, jovens e crianças, que empenham suas energias para testemunhar com a vida, ao mundo que os circunda, a incidência que o Evangelho traduzido em prática tem na construção da sociedade. São o Movimento Sacerdotal, o Movimento dos Religiosos e das Religiosas, o Movimento GEN.

O fundamento para a ação destes movimentos é a comunhão trinitária.

“Fundamentar na Trindade o modelo de relacionamento entre os indivíduos e entre os povos não é um exercício de alta contemplação ou de escassa praticidade. Significa, isto sim, encontrar o caminho para contribuir eficazmente na edificação da comunhão universal. Deste modo a própria vida da Trindade torna-se o metro crítico para avaliar os projetos e as realizações humanas. E não se trata de um metro abstrato, mas torna-se sociologicamente verificável na vida de Jesus de Nazaré, na sua práxis e nos seus ensinamentos.”

Como poderíamos portanto resumir a idéia central do movimento dos Focolares?

“Hoje o mundo sofre, entre outras coisas, por muitas divisões; divisões entre os cristãos; hoje o mundo está à beira de uma catástrofe universal por causa de blocos políticos inconciliáveis. Pois bem, penso que Deus, além de tudo aquilo que faz surgir neste século para o bem da Igreja e da humanidade, tenha suscitado o Movimento dos Focolares, para repetir em voz alta, com a vida e com todos os meios, a palavra “Unidade”.

Portanto, a unidade é a idéia central do Movimento, e a comunhão trinitária como modelo de relacionamento já havia sido indicado aos cristãos pelo Concílio Vaticano II.

O GEN

Assim como o espírito do Movimento dos Focolares difundiu-se entre as famílias, entre os grupos sociais, entre as congregações religiosas, da mesma forma ele atingiu também os jovens. Os jovens sempre estiveram presentes no Movimento, mas foi em 1967 que nasceu o Movimento GEN (Geração Nova), como segunda geração do Movimento dos Focolares, com uma fisionomia própria.

No meio das contestações juvenis de 1968 e das revoluções do mundo estudantil, o Movimento GEN torna-se o polo de atração para muitos jovens que descobrem o Evangelho vivido como razão da sua existência. Numa sociedade de hedonismo e de consumismo, onde se tende a eliminar do horizonte a idéia de Deus, os GEN atestam com a vida deles a própria opção de fé em Deus, colocando-se a serviço do Seu Reino... Usam a linguagem moderna e viva dos jovens, compartilham as inquietudes e problemas, discutem a guerra, a fome, a paz no mundo, o racismo, a justiça social, o aborto, o divórcio, a droga, a escola. Falam de revolução para chamar a atenção sobre a única revolução digna de ser levada adiante pelos homens: a do amor inaugurado por Cristo.

Consciência Social Planetária

Palavras não bastam. Todo ato de bondade, de acolhida a pessoas e grupos faz avançar o amor. A partir desse princípio, o Movimento GEN trabalha em vários campos: universidade, escola, presídios, ambientes de trabalho, favelas, etc. A referência constante à não-violência, solidariedade e fraternidade universal os torna aceitos às diferentes raças, culturas, religiões. De fato, existem grupos GEN junto às várias Igrejas e denominações, junto com os homens que, independentemente de sua cor, classe social, têm aspirações e características comuns e são amados por Deus em Cristo.

A experiência do Terceiro Mundo os leva a lutar contra a injustiça e a exploração do homem pelo homem. Ao mesmo tempo, o desejo de construir uma “cultura da unidade” impulsiona-os a alargarem os horizontes e valorizar a identidade de cada povo.

Afirma Chiara: “Chegaram os tempos nos quais cada povo deve ultrapassar os próprios limites e contemplar mais longe. Chegou o momento em que os outros países devem ser amados como a nossa própria pátria (...) Não basta o desapego de nós

mesmos para sermos cristãos. Hoje os tempos exigem algo mais do discípulo de Cristo: exigem uma consciência social do cristianismo, para que não edifique sua pátria segundo a lei de Cristo, mas ajude na edificação das outras, com o mesmo gesto universal da Igreja.

É preciso viver o corpo Místico de Cristo de tal modo que se possa traduzi-lo em corpo místico social”.

Espiritualidade

Chiara assim define a espiritualidade do Movimento: “A nossa espiritualidade é o Evangelho. Foi sempre uma forte convicção nossa, desde o início. E foi justamente essa tradução em vida do Evangelho que desencadeou em Trento, após alguns meses, uma pequena revolução, justamente a revolução evangélica. Na prática, um grupo numeroso de cristãos constituía-se em uma porção de Igreja viva, já que - como disse Tertuliano - “onde três (estão reunidos), mesmo se leigos, aí está a Igreja.”

E foi justamente quando acreditávamos estar vivendo simplesmente o Evangelho, o Evangelho de sempre, o Evangelho de todos, que, em que percebêssemos, Deus colocou em relevo em nosso coração, algumas Palavras que deveriam tornar-se as idéias básicas da nossa espiritualidade. Todas elas já nos foram dadas durante os primeiros meses, embora tenha sido aprofundadas sempre mais durante os anos de vida do nosso Movimento.

Aprofundaremos pelo menos algumas destas idéias básicas.”

Deus Amor

A primeira idéia-força sobre a qual Deus edificou a nossa espiritualidade foi Deus-Amor. Que mudança nos trouxe à mente essa verdade compreendida de maneira completamente nova! Que modificação provoca ainda hoje naqueles que conseguem captar um pouco desta realidade! A vida cristã que se levava antes daquela nova compreensão, embora com uma prática coerente e uma sólida fé, era como que obscurecida de orfandade. Em seguida descobrimos que Deus é amor, Deus é Pai.

Adquirimos um novo modo de encarar as coisas: Deus está presente em tudo aquilo que nos diz respeito. Sentimos-nos alvo de Seu amor, havíamos subido para as mãos de Deus, e nada se move se o Seu consentimento. Esta é uma fé sublime, que fortifica e que nos faz exultar.

As primeiras focolarinas se impregnaram de tal forma dessa fé que, sempre em perigo de morte pela guerra cruel, expressaram o desejo, se por acaso morressem, de serem sepultados em um só túmulo, sobre o qual se escrevesse em lugar dos próprios nomes: Nós acreditamos no Amor!

Que profunda alegria teve o Movimento quando, em 1968, Paulo VI em sua “Profissão de fé” afirmou: “Nós acreditamos que esse Deus é absolutamente uno...Ele é aquele que é, como Ele próprio revelou a Moisés, e Ele é Amor, como ensina o apóstolo João. De modo que esses dois nomes, Ser e Amor, exprimem inefavelmente a mesma realidade divina...”

A vontade de Deus

“Foi essa fé no amor de Deus que nos impeliu(...) a fazer a Sua Vontade.

Fazer a vontade de Deus não significa “resignação”, como geralmente se pensa; mas é a maior aventura divina que o homem pode realizar; seguir, não a sua própria e mesquinha vontade; agir, não com os seus limitados projetos, mas abandonar-se em Deus e realizar aquele plano que Ele tem para cada um de nós, plano divino, impensável e riquíssimo.

Se o primeiro princípio operante de nossa espiritualidade pode ser Deus Amor, uma segunda idéia-força é a vontade de Deus. Bastaria que fizéssemos esta vontade para sempre cristãos perfeitos. Deus, por intermédio de Isaías, disse que um novo nome será dado à Igreja: “a minha vontade nela”.

A vontade de Deus é uma pérola preciosa. Foi, para nós, a descoberta de um caminho de santidade para todos. Na verdade, a vontade de Deus, já que todos podemos vivê-la seja onde for, na situação em que estivermos e independentemente de nossa vocação, é o bilhete de ingresso à santidade para as multidões. E não é esse o convite do Vaticano II, que deseja ver todo o Povo de Deus caminhando para a santidade?

O Mandamento Novo

Sentimos vibrar em nossos corações uma vontade de Deus muito particular, o mandamento que Jesus chama “meu” e “novo”. “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.

Quem começa a pôr em prática o mandamento novo experimenta uma mudança qualitativa em sua vida; esta se enriquece de novas energias, de ardor, de coragem para recomençar todas as vezes que isto for necessário.

Esta conversão produz efeitos também sobre o mundo que nos circunda. “Disso reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. Muitos mudam de vida, outros descobrem a própria vocação; desabrocham frutos das mais variadas espécies. O amor recíproco entre os cristãos é um pequeno reflexo da vida trinitária vivida entre os homens.

Jesus no Meio

O mandamento novo nos preparou a atuação, que mais tarde tornou-se um dever para quem vive esta espiritualidade, de uma outra idéia-força do Movimento: “Onde dois ou mais estiverem unidos em meu nome, Eu estarei no meio deles”. Esta é para nós a norma das normas, a premissa de qualquer outra regra, que assegura a presença espiritual de Cristo entre os irmãos e dá sentido e vida à fraternidade sobrenatural que Jesus trouxe à terra para toda a humanidade.

Jesus no meio de nós, continuamente gerado(...) E onde existe a unidade o mundo crê. “Que seja uma coisa só, a fim de que o mundo creia”. É Cristo que o converte, Cristo entre os que estão unidos em seu nome.

Jesus no meio é uma ajuda formidável para que haja um ecumenismo vital. De fato, não podendo, nós católicos, nos unirmos pela Eucaristia com as outras Igrejas ou comunidades cristãs, podemos estar unidos, quando existem as condições necessárias, por meio de Cristo presente entre nós.

Jesus Abandonado

Uma outra idéia-força do nosso Movimento não poderia deixar de ser a cruz, a consideração e a aplicação da paixão e morte de Cristo na vida de cada um e em todo o Movimento.

Através de uma circunstância especial, Deus fixou a nossa atenção sobre um aspecto deste mistério: o abandono de Jesus que, “Pela hora nona exclamou em alta voz: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” E o auge das suas dores, é a sua paixão interior, é a sua noite mais profunda. É o drama de Deus que grita: “Por que me abandonastes?”

A partir dali, todo sofrimento pessoal, toda divisão entre irmãos, entre Igreja, entre setores de humanidade com ideologias contrastantes, não reflete a Sua imagem? O mundo ateu e laicista, com todos os tipos de aberrações, não é figura de Cristo que perde, por assim dizer, o senso de Deus, e se faz “pecado” por nós?

Amando Jesus abandonado o cristão encontra o motivo e a força para não fugir desses males, dessas separações, mas para aceita-las por meio dEle, consumá-las e dar assim o seu próprio contributo para remediá-las.

Jesus Abandonado é, portanto, chave da unidade, o segredo de toda renovação.

A Palavra

O nosso alfabeto tem poucas letras, mas quem não as conhece e não aprende algumas regras gramaticais permanece analfabeto para sempre. O Evangelho é um livro pequeno, porém aqueles que não vivem as palavras que ele contém permanecem cristãos subdesenvolvidos, por assim dizer, fazendo com que a Igreja não possa dar testemunho de Cristo, seu fundador.

E o Espírito Santo sugeriu aos membros do Movimento, desde o princípio, uma radical reevangelização do próprio modo de pensar, de amar, de querer, de viver. De fato, no Movimento sempre se procurou dar o mesmo valor tanto à comunhão com a palavra quanto à comunhão com o Corpo de Cristo, assim como se fazia no início do cristianismo e como também se procura fazer hoje na Igreja, sobretudo após o Concílio Vaticano II.

Cada mês os membros do Movimento procuram viver uma frase do Evangelho, que lhes é apresentada com um pequeno comentário exegético. Costumamos chamá-la de Palavra de Vida. As experiências feitas são comunicadas a todos, assim como se colocam em comum os bens materiais, a fim de que o caminho para a santidade, fruto da vivência do Evangelho, seja percorrido coletivamente.

Maria

Um outro princípio operante: Maria, mãe do Movimento. E isto diz tudo. Deus no-la deu e sempre a sentimos assim.

Maria é o modelo para cada membro do Movimento porque, assim como Ela tem a função primordial de ser mãe de Cristo enquanto homem, o Movimento - nós o comprovamos - tem como função primordial, que deve preceder todas as outras, dar ao mundo espiritualmente Cristo entre os homens.

É o modelo porque, uma vez que o Concílio colocou tanto em relevo o povo de Deus, Maria é a leiga por excelência. Ela é sobretudo a discípula de Cristo por excelência, a cristã perfeita, a palavra de Deus viva.

O que é, portanto, a nossa espiritualidade? É o cristianismo visto pelo prisma do Testamento de Jesus. Uma espiritualidade comunitária, apropriada para os nossos tempos, os quais, embora entre perigos e dificuldades de toda espécie, tendem à unidade."

Formação

Assim como a luz do sol, atravessando um prisma, se refrange em 7 cores, de mesma forma o Amor, que focolarinos, os GEN e os demais membros do Movimento escolheram como estilo de vida, deve concretizar-se penetrando em todos os aspectos da vida humana e transformando-os".

A formação dos GEN, como expressão do amor, supõe vários aspectos fundamentais.

Comunhão de bens e trabalho



"A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma e ninguém considerava sua propriedade os bens, mas colocavam tudo em comum".

O Movimento vê nos primeiros cristãos o seu modelo, pois o amor leva a partilhar os bens espirituais e materiais. Por isso a comunhão dos bens é fundamental para os Gen: é a expressão concreta de uma profunda escolha de Deus e de um verdadeiro amor pelos irmãos.

"A unidade dos corações tem como consequência imediata a comunhão dos bens materiais."

A regra de toda a economia baseia-se num altíssimo conceito do trabalho: Para nós o trabalho não é algo anexo à nossa vida, mas é a nossa vida. Se tivermos uma veste, esta será de trabalhadores, de gente que trabalha.

Um outro ponto importante neste aspecto é a Providência, sobre a qual se baseia

toda a vida do Movimento: Se Ele revelou-se como Pai, nós despertamos como filhos. E a Providência é amor do Pai que se exprime em bens concretos.

Testemunho e irradiação

"Fogo vim trazer sobre a terra, e o que quero senão que se acenda?"

Anunciar a descoberta de um Deus que ama é o desejo de todos aqueles que foram um dia conquistados por Ele. Mas a palavra é o último cartucho a disparar.

No apostolado os Gen falam, se necessário, e utilizam a imprensa, os mídia mais modernos. Sabem porém que o caminho mais seguro é o testemunho: Disto reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

Neste aspecto, como concretização evidenciam-se:

- As Mariápolis- congressos anuais de mais ou menos 5 dias. Trata-se de uma convivência de centenas de pessoas, baseadas na lei evangélica do amor. A fascinante carga de vida que este testemunho comunitário suscita é confirmada pelo crescente número de participantes e pelos efeitos que a Mariápolis produz: transformação de vida, abertura de novos horizontes de trabalho eclesial e social, novo engajamento cristão, opções determinantes, novas vocações.

Atualmente realizam-se mais de 80 Mariápolis no mundo inteiro.

Os Genfest - Encontros de massa, feitos exclusivamente para jovens, para difundir a cultura da unidade. Neles os Gen propoem aos jovens os vários caminhos para alcançar a meta de um mundo unido: o caminho da unidade entre povos, da unidade em situações de injustiça social, da unidade entre as gerações, entre países em guerra, entre pessoas de posições ideológicas diferentes; o caminho de unidade com minorias étnicas, etc. Com seus testemunhos de vida evangélica, canções e todas as expressões características dos jovens, os Gen lançam a mensagem do Evangelho aos jovens de todos os continentes, afirmando que só quem possui grandes idéias faz a história."

As Jornadas da Juventude - encontros de aprofundamento para os jovens, na espiritualidade e na vida Gen.

Espiritualidade e vida de oração

"Um Gen que não mire a santidade não é geração nova nem velha: é geração morta!"

A raiz de toda a vida do Movimento é a escolha de Deus, que cada um faz ind-

vidualmente. Mas a característica do Movimento é “o caminho coletivo para a santidade”.

Afirma Chiara: “Quando Jesus é o motivo do encontro entre os irmãos, tornamo-nos UM, como Deus é Um. Mas não ficamos sós, como Deus, que mesmo sendo UM, não é só, porque é Amor.

Quando falamos encontramos deste modo, realiza-se a palavra de Cristo “Onde dois ou mais... Ali se encontra o Ressuscitado. (...) Ele é a santidade do grupo e de cada um singularmente.”

Natureza e vida física

Os membros do Movimento nutrem-se da Eucaristia, penhor da ressurreição também do corpo. Procuram ter um grande respeito pela natureza e pelo corpo.

Sabem que a saúde não lhes pertence, mas é um bem muito precioso a ser administrado.

Valorizam o lazer e o esporte. Acolhem, porém, sem rebelar-se e com gratidão, também a doença, pois reconhecem o seu valor redentivo, mesmo procurando curar-se.

Vêm a morte como passagem à vida mais verdadeira que não terá fim.

Harmonia e Ambiente

O amor impulsiona os Gen a reunirem-se e faz de um povo, a Igreja. Esta manifestação do amor, se concretiza nas casas e em tudo aquilo que reveste ou hospeda as pessoas. É característica a harmonia, baseada na frase de Jesus:

“Olhai como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham e não tecem, e no entanto nem mesmo Salomão jamais se vestiu como um deles”.

Dentro deste aspecto encontramos:

- Os Centros Mariápolis - casas de formação para os membros do Movimento.
- As Mariápolis Permanentes - (ou “pequenas cidades”) - Trata-se de uma experiência que testemunha em pequena escala como poderia ser a sociedade se fosse penetrada pela caridade de Cristo.

“A Mariápolis é uma cidade de vida. Aqui está a sua originalidade. A Mariápolis vive porque nela resplandece Aquele que disse: “Eu sou a Vida”.

E porque vive, porque Cristo está presente, aqueles que vêm com coração sincero, encontram Cristo.

Então a fé se torna viva ou floresce em quem não a tem.

“CREIO!” é a palavra que todo aquele que vier à Mariápolis deverá dizer”.

Atualmente as Mariápolis permanentes são 8: Loppiano, na Itália, Ottmaring, na Alemanha, Tagaytay nas Filipinas, O'Higgins na Argentina, Fontem na África (Camarões), Luminosa nos Estados Unidos, Montet na Suíça e Araceli no Brasil (em Vargem Grande Paulista, a 47 Km de São Paulo.)

Sabedoria e estudo

Os membros do Movimento desejam a sabedoria que vem de Deus. Não desprezam porém nenhuma forma do saber contemporâneo. Procuram penetrar na própria cultura e, segundo as próprias capacidades, dedicam-se ao estudo. Têm consciência, porém, de que a sabedoria é de outro nível: “Agradeço-te Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos”.

Neste aspecto estão presentes:

- A UPM (Universidade Popular Mariana) - curso interno de 6 anos para um embasamento teológico para leigos.
- As escolas Sociais
- As Escolas Ecumênicas ou de Ecumenismo
- As Escolas para o Diálogo com as grandes Religiões
- A Escola para o Diálogo com a Cultura Contemporânea.

Unidade e Meios de Comunicação

“Ser uma família, um só corpo”.

Esta expressão é usada frequentemente pelos membros do Movimento. Para isto é necessário comunicar, fazer circular as notícias e a vida com os meios mais rápidos, pois a comunicação das alegrias e dos sofrimentos é um forte elemento de união.

Imprensa, documentários, correspondência, telefone, vídeo cassete... todos os meios são bons para que “mesmo sendo muitos, sejamos um só corpo em Cristo”.

Deste aspecto fazem parte a Editora Cidade Nova, com suas publicações, a revista Cidade Nova e a Revista Cultura “Nuova Umanità”, como suplementos de Movimento GEN

Cidade Nova temos: jornal Gen 2, Jornal Gen 3, Jornal Gen-re, Jornal Gen's (específico para cada setor do Movimento, formativos).

Chiara afirma: "O Testamento de Jesus não diz somente que sejam um como com Eu e Tu, isto é, como na Trindade, mas diz que todos sejam um. Se não alargamos o nosso coração para abraçar toda humanidade, como a Igreja indica, como Jesus desejou, a unidade não é verdadeira."

Atuação

Com estas aspirações continuamente renovadas, os GEN procuram trabalhar para dar, junto com os outros grupos, a sua contribuição, ajudando a:

- Criar a paz universal;
- Superar todas as divisões e discriminações, levando à unidade as raças, as nações, as classes sociais, as gerações, as famílias;
- Colaborar para a unificação dos cristãos, através da comunhão antes de tudo com os jovens das várias Igrejas;
- Estabelecer um diálogo com os fiéis das várias religiões;
- Servir os homens que buscam a verdade, principalmente através do testemunho de uma vida cristã;
- Servir de modo especial os países pobres, valorizando suas características próprias, na unidade com os outros povos.

O movimento GEN se articula ainda em nível de faixas etárias: GEN 2 (18 a 30 anos), GEN 3 (9 a 17 anos), GEN 4 (0 a 8 anos).

Ao redor do Movimento GEN 2, nos últimos anos, nasceu um Movimento mais vasto, chamado Juventude Nova. São jovens de credos e tendências muitas vezes diferentes, mas que aceitam a proposta de trabalhar por um mundo unido. Estão surgindo iniciativas no mundo inteiro, que demonstram mais uma vez o potencial que existe na juventude.

Ao redor dos Gen 3 nasceu o Movimento Juvenil para a Unidade, que no ano passado recolheu mais de 140 mil assinaturas e entregou um documento pela paz aos líderes das Grandes religiões, reunidos em Kyoto (Japão) na Conferência das Religiões pela Paz. Este ano o Movimento Juvenil pela Unidade lançou a campanha "Ação TV por um Mundo Unido".

Não faltam também as assim chamadas "Festas GEN 4", atividades dos Gen 4 para levar a outras crianças o seu ideal.

Movimento Carismático

Gênese e difusão

A Renovação no Espírito Santo é só um dos aspectos do vasto renascer no qual a Igreja Católica e outras Igrejas cristãs vivem hoje. No nosso século a retomada de Pentecostes inicial gerou três correntes de renovação: o pentecostalismo clássico, o novo pentecostalismo, ambos de origem protestante, e a Renovação Carismática Católica.

Os elementos comuns presentes na Igreja Católica e Protestante são: de um lado a desilusão e decepção frente a certo formalismo religioso e desinteresse pelo apostolado existente em nosso tempo em contraste com alegria e a fé do desenvolvimento missionários dos primeiros cristãos. De outro lado a redescoberta do poder do Espírito Santo que anima seus membros desde os inícios da comunidade. Deixando de lado a gênese e o desenvolvimento do pentecostalismo evangélico vamos entrar-nos sobre o pentecostalismo católico.

Em 1966 um grupo de professores e estudantes da Universidade Católica de Duquesne, de Pittsburg, na Pensilvânia (USA), imersos em atividades apostólicas e obras sociais, sentiram necessidade de revisar seu modo de sentir e viver o cristianismo. Constataram que sua vida de fé e ação apostólica estavam perdendo de intensidade e força. O que deveriam fazer para sair dessa situação? Convencidos de não poder esperar soluções caídas do céu ou impostas do exterior e certos de que a mudança dos apóstolos no Cenáculo fora operada pelo ES dois deles, o professor de História William Storey e o teólogo Ralf Keifer, decidiram rezar o "Veni Sancte Spiritus" um para o outro e de colocarem-se dispostos a buscar a vontade de Deus em um confronto sincero com sua palavra. Em agosto de 66 os dois professores participaram de um congresso dos Cursilhos na esperança de encontrarem pistas para sua caminhada espiritual. Contudo não encontraram o que desejavam. Conheceram depois Steve Clark e Ralf Martin, da paróquia universitária de East Lansing, Michigan. Eles indicam um livro do pastor metodista David Wilkerson, que narrava o poder do ES num trabalho desenvolvido num bairro marginal de New York. A partir da leitura, Storey e Keifer estabelecem contato com o movimento pentecostal americano.

Em 6.01.67 Storey e Keifer, com outros amigos, encontram-se com o pastor episcopal William Lewis e com Beth Shomaker, da mesma denominação religiosa. Eles confirmam a realidade dos fatos atribuídos ao ES. Em 13.01. participam, Storey e amigos, de uma reunião de oração dos pentecostais na casa da Sra. Florence Dodge. Mas

só em 20. 01, numa segunda reunião de oração, Storey e Keifer pedem o “batismo no ES”. O poder foi aceito e, no mesmo instante, têm a sensação de que algo começa a mudar na vida deles. Descobriram a força renovadora do ES que faz sentir-se também fora dos limites visíveis da Igreja Católica. Coisa, aliás, já afirmada pelo Vaticano II (UR 3).

Na semana seguinte Keifer impoe as mãos aos amigos que lhe pediram. Eles imediatamente sentem a renovação da relação deles com Deus. Em 17.02.67, animados pelos quatro que já haviam recebido o “batismo no ES”, cerca de uns 30 professores e estudantes da Universidade dedicam-se a um retiro no fim de semana para rezar e refletir juntos sobre os 4 primeiros capítulos dos Atos. Tentam reviver a experiência religiosa dos primeiros cristãos e descobrir a vontade de Deus a respeito deles. Um casal, Paul Grey e Maryanne Springle, pedem a invocação do ES que se manifesta com a efusão dos seus dons. Outro participante, David Mangan, tem um êxtase que lhe permite descobrir a presença especialíssima de Cristo em sua vida. Uma estudante, Patty Gallagher, atraída à capela, sente-se inundada pelo poder do ES. Comovidos por esses acontecimentos imprevistos, os participantes do retiro reuniram-se na capela colocando-se humildemente na presença do ES e na disponibilidade para acolher sua ação que não tardou a aparecer. Realidade? Sugestão? Os participantes, antes de insistir sobre fatos extraordinários, insistem sobre a transformação operada neles. Em que consiste? Sentido de paz e alegria inexprimeáveis; atração para a Leitura da Sagrada Escritura; consciência mais viva do amor de Deus e da comunhão com ele; desejo incontido de glorificá-lo com a oração de louvor; desejo de confiar a Cristo a direção da própria vida arremessando-se generosamente nos braços de Deus e da coragem no testemunhar Cristo sem teu amor; urgência de sair da mediocridade e do formalismo para viver com maior conhecimento os compromissos cristãos.

Na tarde seguinte, um grupo de 9 pessoas se reúne na casa de Bertil Ghezzi. Conversam novamente com Storey sobre os acontecimentos do retiro. Um dos presentes adquire coragem e lhes impoe as mãos. Depois todos fizeram o mesmo. Deus os escutou, infundido-lhes um dinamismo espiritual e apostólico até então nunca sentido por eles.

13.03 - Sete pessoas vão à casa de Raymon Bullard, diácono da Assembléia de Deus, para um encontro de oração. Depois de refletir sobre os carismas do ES, os pentecostais rezam pelos católicos usando o “dom das línguas”. Foi uma experiência positiva para a vida espiritual deles. A partir daí, o grupo católico começa seu caminho próprio. De fato, alguns dias depois, na casa de Renaghan, o grupo de oração usa um método que depois se tornará clássico: um canto seguido de oração espontânea. Depois leitura de trechos bíblicos e reflexão pessoal. Interrupção para tomar um refresco. Prosseguimento da oração pessoal e comunitária.

4.03.67 - Cerca de 39 professores e alunos de Notre Dame, universidade em Indiana, reúnem-se em retiro para discutir os fatos de Duquesne. Story coloca-os a par da situação. Perplexos com o que ouviram pedem ao Senhor que os ajude a valorizar mais os dons do ES. Deus os escuta. Fatos análogos na paróquia universitária de Michigan em East Lansing.

7-9.04.67 - Cerca de 90 pessoas se reúnem na Universidade de Notre Dame para revisar os fatos acontecidos. A reunião foi tão importante que passou a ser considerada como Primeiro Congresso do Movimento, levando-o a rápida expansão. De fato, a partir dos campi universitários os grupos de oração começam a atingir as paróquias, mosteiros, conventos. Quem saboreia pessoalmente a força do ES e seus carismas, sente a urgência de comunicar a outros sua extraordinária experiência religiosa. Já no outono de 67 Steve Clark e Ralf Martin ingressaram na Univ. de Ann Arbor (Michigan). Com outros dois jovens iniciaram o primeiro núcleo que depois se tornou a maior comunidade carismática com mais de 2.000 membros.

Dos EEUU o movimento carismático penetrou no Canadá, América Latina, Europa continentais. A partir de 70 começou a funcionar um centro de comunicação junto à Univ. de Notre Dame. Em 76 este centro se transfere para a Bélgica. Em 81 para Roma sob a presidência do Pe. Tom Forrest.

Para evitar os riscos possíveis de um espontaneísmo ou da improvisação os responsáveis pelo movimento carismático procuram escolher e preparar animadores que são verdadeiros líderes dos grupos de oração. Nos vários encontros, a nível local, regional e nacional, se procura ajudar a desenvolver suas tarefas com prudência e solicitude oferecendo orientações doutrinárias e pedagógicas que os ajudem no leito da tradição católica na base de uma reta interpretação das escrituras e ensinamentos da Igreja. E além dos quadros de serviço se multiplicam também os encontros para o conjunto dos grupos de renovação carismática.

Motivações fundamentais

Além do contato com a experiência das Igrejas Evangélicas, duas dimensões concorrem para o aparecimento do Movimento Carismático:

- a) descoberta da força do ES na Igreja Apostólica, e
- b) doutrina dos CARISMAS retomada pelo Vaticano II.

A Força do Espírito Santo na Igreja Católica

O Movimento Carismático apela ao realismo da fé na ação do ES que animava a Igreja Apostólica, considerada o parâmetro e o modelo para as Igrejas de todos os tempos.

Jesus prometeu o Espírito Santo aos seus e antes da Ascensão renova a promessa do “batismo no ES”. Eles “cheios” do ES deveriam testemunhar o dom das línguas e outros. É o ES que dá a Pedro a verdade a ser anunciada, o testemunho diante dos juízes perseguidores; denuncia a mentira e anuncia Jesus como único Salvador. Está presente na obra da Igreja e nos ministérios. O Espírito é dado somente aos apóstolos. O ES concede também dons específicos.

Baseado nestes e em outros textos o movimento carismático descobre que os dons do ES são dons permanentes de Cristo à sua Igreja. Animados pelo que acontece no pentecostalismo das Igrejas Evangélicas retoma a fé na presença ativa do ES nas comunidades.

Estas perspectivas são encontradas pelo Movimento a partir da visão do Vaticano II.

Doutrina Carismática do Vaticano II

A LG reconhece que o ES distribui a todo o Povo de Deus dons e carismas e não apenas através dos sacramentos e ministérios (12b). No mesmo sentido o decreto sobre os leigos (AA nº3cd).

A doutrina dos documentos conciliares é prudente e conserva certa indeterminação dada a complexidade do argumento. Sobre a base do Concílio o movimento carismático se encontra com a Palavra de Deus que tem em si a capacidade de mudar o coração do homem e de usar melhor os dons divinos.

Em que consiste e renovação do Espírito?

Normalmente o MC (Movimento Carismático) fala de “batismo no ES” para colocar em evidência a transformação operada neles por intervenção divina. Justificam a expressão usada também pelas Igrejas Evangélicas com trechos do NT. Mt. 3,11; Mc. 1,8; Lc. 3,15 Jo. 1,33 At. 1,5 ; 11,6.

Porém devido a problemas exegéticos e teológicos na relação com o sacramento

do batismo os católicos falam mais de “efusão do ES”: At. 2,17-18; 10,45.

A fórmula “efusão do ES” significa: uma tomada de consciência mais forte da presença do ES no crente; experiência do ES; mais consciente abertura pessoal às “moções do ES”; revitalização dos carismas recebidos no batismo. Tudo isso obra do mesmo ES. Trata-se, pois, de uma nova e especial intervenção do ES. Em que consiste essa nova intervenção do ES? Para compreendê-la temos antes de mais nada fazer referência aos sacramentos da Iniciação: Batismo-Crisma-Eucaristia.

Pelo Batismo o crente recebe o dom do ES que o incorpora a Cristo e o insere na Igreja, seu corpo Místico; produz nele a regeneração à vida nova e lhe dá os dons correspondentes, tornando-o filho de Deus.

Com a Crisma o ES reforça a vida espiritual do batizado levando-a a uma maturação que fortifica a capacidade de viver e testemunhar a própria fé.

Batismo e Crisma produzem seus efeitos se o fiel não coloca obstáculos. O que no batismo se recebe como primícia a Crisma colabora quando o cristão o confirma com sua decisão pessoal. Recebendo o ES o crente é introduzido no povo de Deus e participa da oração litúrgica da qual a Eucaristia é o vértice.

O ES é livre de doar-se e doar seus dons quando e como quer. Ele está presente na existência do cristão não só através dos sacramentos, mas também de outros caminhos. Disto se concluiu que, falar de nova vinda do ES, não significa dizer algo que vem de fora, mas de alguém que age no sujeito e o impele a agir. Por isso, a efusão do ES não é um “super batismo”, nem um batismo “perfectivo” ou complementar do batismo de água. Mas consiste em nova e especial intervenção do ES que não diz respeito ao efeito objetivo do sacramento. Mas do sujeito que o recebe e tende a tornar operante nos sacramentos o que ficou inoperante por causa da não correspondência do cristão. A renovação carismática aparece como o fruto de uma intervenção divina sacramental. Tal intervenção produz um impulso interior operado pela “efusão do ES” que solicita a cooperação do batizado com as moções do mesmo ES, afim de aprovar a máxima expansão de sua potência renovadora conjunta com a ativação e revitalização da graça sacramental a partir do batismo e do crisma, que constituem a essência de toda existência cristã. Graça destinada a conduzir o Povo de Deus na sua realidade de nova criatura para -uma realização mais plena de sua comunhão efetiva com Deus e de sua vocação laical, sacerdotal, religiosa ou secular no âmbito e para serviço de toda comunidade. Esta renovação é, pois, “carismática”, porque implica uma relação explícita com o carisma. Isto é, como aquelas graças espirituais que o ES dispensa a todos os fiéis para torná-los disponíveis e prontos a levar adiante, por palavras e gestos, o desempenho missionário. Não só “carisma extraordinário” mas todos os dons que Movimento Carismático

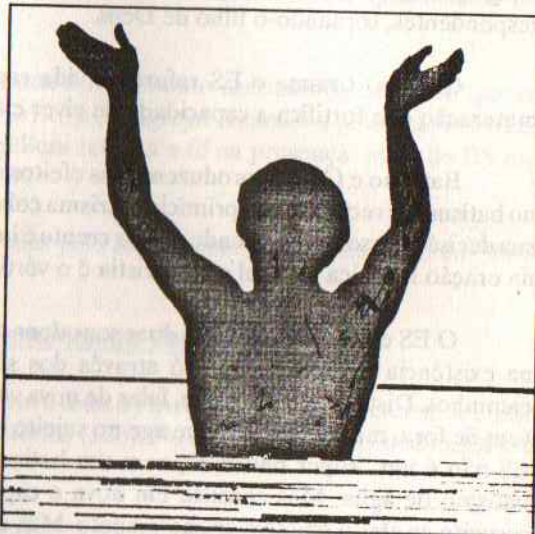
enriquecem a vida do cristão e que se reconhecem como dons gratuitos do ES para a edificação da Igreja.

A Renovação Carismática não pode ser reduzida a simples reedição dos carismas assinalados nas cartas paulinas. Se é verdade que os carismas podem ser concebidos mesmo sem o dom por excelência o ES - é necessário acrescentar logo que se pode falar de renovação carismática em pleno sentido só quando nos batizados existe uma relação vital entre os carismas e a presença ativa do ES que leva consigo a inabitação trinitária.

Efeitos da "Efusão do Espírito Santo"

Modalidade nova de relação com as Três Pessoas Divinas:

a) Experiência do Espírito. Partindo da experiência neo-testamentária Gal. 3,5; 1 Cor. 1,4-7; Tess. 2,13; Cor. 6,11 etc. os carismáticos estão convencidos de que a experiência do Espírito não é privilégio dos primeiros cristãos. Nem reservada ao ministério ordenado só. Exige-se apenas que o batizado elimine o pecado e o afeto ao mesmo com uma boa confissão e peça ao ES uma ação que o torne a pessoa mais dócil a seus convites e o transforme na continuação do Pentecostes dos discípulos de Cristo.



b) União mais profunda com Cristo. A "efusão do ES" ajuda a conhecer melhor o Cristo, deixa interpelar por sua Palavra, intui sua Presença de modo novo na liturgia e sacramentos. Ajuda ainda a percebê-lo como Redentor, fonte e raiz da história da salvação. Como Caminho, Verdade e Vida. Como Pastor e guia. Proclama o Senhor e Juiz dos vivos e mortos e espera com confiança o retorno à casa do Pai.

c) Acesso ao Pai. Através de Cristo o crente se une ao Pai. Os carismáticos encontram no Senhor morto e ressuscitado a solução do mais entusiasmante dos problemas humanos: o da comunhão com Deus. A "efusão do ES" cria no batizado a condição porque a comunhão com Deus, que é uma das aspirações mais profundas do homem, mesmo se não visualizada por todos se realiza e intensifique desde esta vida na espera da plenitude na vida eterna. A partir dessa experiência trinitária, os carismáticos

PJ e Movimentos

se concentram no ES e seus carismas. O que chama a atenção é o modo singular com o qual vivem e percebem a presença de Deus na vida deles. Ele não é mais percebido como abstração ou um ser longínquo e inacessível, que não deve ser incomodado. A proximidade de Deus traz alegria e induz a buscar o modo melhor de servi-lo.

d) Maria: é carismática no sentido mais pleno da Palavra e do modo mais intenso possível, porque toda sua vida é manifestação do ES que faz nela grandes coisas. Está indissoluvelmente unida a Jesus por sua maternidade. E hoje é Mãe da igreja que prolonga o Corpo de Cristo. O que Maria foi para Jesus é hoje para a Igreja.

e) Conversão: Deus não precisa de elementos humanos para manifestar sua graça. Contudo, na Lei da Encarnação, isso acontece. As pessoas que já experimentaram a "efusão do ES" são as mais indicadas para preparar outras para receber o mesmo dom com sua ajuda fraterna e oração. Há um caminho a percorrer para receber a "efusão". Caminho de conversão exigente que manifesta uma adesão sempre mais convicta a Ele e aceitação das exigências mais radicais de sua mensagem de salvação. Pode acontecer que a "efusão do ES" se dê de maneira repentina e maravilhosa. Nesse caso cada um reage de acordo com a carga e motiva que lhe é própria. A prudência recomenda não se fixar no "maravilhoso" mas nos frutos que acontecem. Naturalmente as ações do ES respeitam as leis do crescimento. De qualquer modo na experiência progressiva ou na repentina hálugar para o mistério da cruz. O processo de conversão também sujeito a altos e baixos. Ninguém pode presumir que está confirmado em graça. Daí a necessidade de oração súplica. Quem faz essa experiência não a esconde para si. Tem necessidade de comunicá-la aos outros. E o fazem com simplicidade e convicção, mas também com franqueza e audácia desconcertantes.

Carismas Particulares

Entre os efeitos perceptíveis da "efusão do ES" existem carismas com o dom das línguas, da profecia, curas e discernimento.

a) Línguas (glossolalia). Os pentecostais crêem que o autêntico "batismo no ES" deve ser acompanhado necessariamente do dom das línguas. Os católicos duvidam se é possível determinar o sinal com o qual o ES manifestará sua presença no batizado. Pensam que o verdadeiro dom das línguas possa ser considerado uma manifestação equívoca da vinda do ES. Por isso, quando impoem as mãos para pedir a "efusão do ES" pedem esse dom e convidam os interessados a se prepararem para recebê-lo.

O dom das línguas tem fundamento bíblico (1 Cor. 12,30; 13,1,2,39; At. 2,4,11; 4,11; Mc 16,17). Na maioria dos casos a glossolalia é uma maneira inarticulada de exprimir-se, Movimento Carismático

de rezar, de louvar a Deus pela salvação que Ele nos dá em Cristo e que o próprio Cristo permanentemente atualiza na Igreja por obra do ES. O dom reveste diversas expressões individuais e coletivas. Investido pelo poder do ES o batizado se interioriza, concreta sua atenção, move os lábios e pronuncia sílabas que malgrado sua incompreensão para quem o emite e para seus vizinhos serve para liberá-lo, conquistar libertação interior diante de Deus e dos homens. Permite entrar em diálogo com Deus manifestar o que uma série de frases bem concatenadas seriam incapaz de exprimir. O que conta não são as palavras mas o processo de interiorização que se desenvolve na profundidade do ser da pessoa e que a move para abandonar-se a Deus, a confiar-lhe a deixar-lhe que o Espírito do Pai e do Filho reze com ele gemidos inenarráveis (Rom 8,26). Algumas pessoas não se dão conta de estarem falando e rezando em línguas, enquanto outras sim. Trata-se de um fenômeno liberador e terapêutico. Além das formas pessoais existem as coletivas. O dom das línguas é o menor dos dons, segundo S. Paulo. Mas abre caminho para outros. Nem toda "efusão" é necessariamente acompanhada pelo dom das línguas mas quando ele é concedido pode tornar-se um sinal seguro da presença do ES.

b) Profecia. Também tem fundamento bíblico (At 2,17; 1 Cor 14,1). Devia ser muito difundido entre os cristãos de Corinto a tal ponto que Paulo dá normas para seu reto exercício (1Cor. 14,29-32). Segundo os carismáticos, é um dom que Deus oferece àqueles que escolheu para comunicar uma mensagem especial de natureza religiosa a uma pessoa ou grupo. Acontece mais facilmente num contexto de louvor e adoração. Contém palavras de exortação, correção, consolação e iluminação que podem referir-se ao presente ou ao futuro. O profeta sente dever comunicar algo à assembléia sob impulso imediato e forte do ES. Fala em nome de Deus. Pode traduzir-se no canto, palavra ou língua.

Para que ofereça garantia de autenticidade é necessário que se verifique no interior de uma comunidade ou grupo aberto ao confronto da Palavra de Deus; leve à aceitação de Cristo e à humilde escuta religiosa das inspirações do ES.

c) Cura. Também documentada no NT: Lc 7,21-22; Mt. 4,22. Ao confiar aos apóstolos a missão, Jesus lhes confere esse carisma (Mt 10,1-8; Lc. 10,8-9; At. 5,12). Os carismáticos crêem que ainda hoje ele é doado pelo ES. Por isso os grupos de oração exercitam frequentemente esse dom. Dom de cura corporal e espiritual. Tudo é dom de Deus e não do "curador". As curas não são boas somente para quem as recebe. Podem ajudar os outros a converterem-se e viver com mais vigor sua fé.

d) Discernimento. A Bíblia fala dele muitas vezes (1Cor 12,10; At. 8,23; 14,19; Tess. 5,12-19,21). Dom concedido à comunidade para defendê-la dos erros e enganos

do diabo. é o dom de distinguir o que provém de Deus do que provém do Espírito do Mal. Além disso, dá a possibilidade de intuir as causas últimas de fenômenos misteriosos que são inexplicáveis de um ponto de vista humano.

Critérios de discernimento são:

- a fidelidade à doutrina autêntica da fé
- acolhida de todos os dons com gratidão porque vêm de Deus e se destinam ao bem comum;
- a caridade deve estar presente em toda situação porque é dom de Deus, amor de Cristo e amor dos irmãos;
- nos grupos de oração se acrescenta o critério da atitude prudencial que deriva da integração do grupo.

Características do Movimento

Vida de oração: a disponibilidade crescente para a ação do ES abre o crente para o diálogo com Deus que se exprime na oração. Os momentos fortes da RC se dão nos momentos de oração que estão numa dimensão intermédia entre a oração estritamente pessoal e a oração litúrgica. Pessoas diversas por índole, idade, cultura, posição social, situação eclesial e tendência cristã se encontram para rezar em comunidade. O encontro na oração se propõe e eliminar as diferenças, unir e irmanar. A oração assume as expressões mais variadas que vão da oração silenciosa à discursiva, canto, oração comunitária que envolve toda a pessoa com suas faculdades intelectivas, volitivas, emotivas e motoras. Pode manifestar-se livremente, com franqueza e sem inibição, desde que manifeste o que é útil para os irmãos. Principalmente se está convencido que o ES o convida a uma contribuição pessoal à oração de todos e se dispõe a receber a contribuição dos outros.

Notas distintivas da oração carismática são:

- ela é dom do ES que nos introduz no diálogo com Deus
- os motivos de oração são os de louvor, adoração, agradecimento, intercessão e pedido.

Contato com a Bíblia: a necessidade de ter um colóquio pessoal e filial com Deus explica o interesse que os carismáticos nutrem pela bíblia, que é vista como um livro de oração e não de estudo.

Penitência e Eucaristia: o interesse dos carismáticos pela Bíblia anda junto com o interesse pela confissão e eucaristia. O batizado experimenta a inclinação ao mal, a vergonha de haver traído o amor de Deus. O ES faz nascer no pecador a necessidade de purificar e o impele a buscar na confissão seja o perdão, seja o conselho e a força para acalmar e vencer a prepotência da paixão que leva o homem a voltar-se para si mesmo e afastar-se de Deus. O ponto culminante do grupo de oração carismática é representado pela celebração da eucaristia. Participa dela com mais frequência e regularidade. A eucaristia tende a tornar-se o centro de seu pensamento e da sua existência porque ela contém o Cristo glorioso, fonte de vida divina.

Comunhão fraterna: os carismáticos sabem que se chega a Deus enquanto do Corpo Místico. Esse conhecimento explica o desenvolvimento, entre eles, de grupos de oração e comunidades de vida. Uma das características humanas que mais impressiona quem entra em contato com os carismáticos vem de suas estreitas relações de afetividade, amizade, compreensão que perpassam os vários grupos de oração em absoluto contraste com as relações frias que frequentemente se observam nas celebrações eucarísticas. Entre eles a tentativa de participar duma fraternidade que supere toda barreira de divisão. Por isso existem entre eles experiências de partilha dos bens criando verdadeiras e próprias comunidades de vida.

Fidelidade à Igreja: outra característica dos carismáticos é a expressa declaração de fidelidade à Igreja "governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele". Afirmam que a Igreja é indissolúvelmente uma realidade visível e invisível carismática e institucional. Colocam sua atividade a serviço da comunidade eclesial. Buscam ser uma das forças que podem manter a Igreja em estado de renovação. A RC é um movimento laical que vive e cresce em seu carisma sem substituir o ministério ordenado e hierárquico. Mais ainda: perdem o discernimento aos bispos como sinal de que estão percorrendo o caminho certo.

Ecumenismo: na certa de que o único e mesmo Espírito leva a lutar pela superação das divisões para edificar a unidade de quantos o invocam, o movimento carismático não encontra obstáculos para o diálogo ecumênico. Existem em alguns países até mesmo grupos de oração interconfessionais.

Organização e Articulação

Infelizmente não conseguimos, em nenhum lugar ou momento, descobrir o tipo de organização e articulação dos grupos de oração entre si, a nível nacional e internacional.

Movimentos de Encontro

A partir da extinção dos Movimentos de Ação Católica e com a mudança dos movimentos anteriores ao Vaticano II como Congregação Mariana, Cruzada Eucarística etc; começam a surgir os movimentos de Encontro. São quase todos de matriz Cursilista.

Entre os Movimentos de Encontro, podemos citar TLC, Shalom, Emaús, CJS, Escalada, Amigos de Cristo, Eureka etc. Alguns deles têm centro de coordenação regional e nacional como, por exemplo, Emaús. Outros não têm esse centro, o que dificulta obter informações sobre a sua estrutura, metodologia, espiritualidade etc.

Há contudo, alguns pontos comuns entre eles que Libânio assim escreve: - há várias metodologias para esses encontros, Contudo há uma relação fundamental comum a todos: a necessidade de fazer encontros, cursos, seja para iniciar o trabalho com os jovens, seja para aprofundar o trabalho iniciado; - essa relação se explicita de três maneiras fundamentais:

a) Quando o trabalho é feito num colégio. Os alunos são levados para fora do ambiente do colégio. Os trabalhos, às vezes são inter-colegiais, isto é, com alunos de vários colégios diferentes. O colégio torna-se a base do acompanhamento do grupo. Assim o colégio promove outros encontros visando sempre aprofundar o conteúdo e as relações surgidas do primeiro encontro. Os objetivos desses encontros-cursos são conscientização pessoal e social, intensificação da vida cristã, formação de lideranças através de pequenas práticas assumidas nos colégios, missas, reuniões etc., que lhes permitem desenvolver a capacidade, dons, relações com outros ou manter a chama acesa;

b) Quando o trabalho é feito com encontros e cursos para grupos informais. Os jovens não se conhecem, poucos se viram antes. Apresentados por amigos ou conhecidos e parentes, se encontram pela primeira vez num curso-encontro. Este exerce função de entusiasma-la e até mesmo "convertê-los para uma vida nova. Depois do encontro eles continuam a se encontrar em grupos informais que lhes garantam certa continuidade e aprofundamento. Aqui se investe mais na formação dos dirigentes de encontros. Pois eles garantem novos encontros e certa continuidade nos grupos. Este tipo de articulação provoca um numeroso "vai e vem de grupos". Depois de cada encontro aparecem grupos novos. Que morrem com a mesma facilidade com a qual nasceram;

c) Encontros-cursos de grupos paroquiais. Estão em dependência direta do interesse, da organização e da vitalidade dos párocos. Os jovens que se reúnem à volta Movimento Carismático

do vigário, ou nos ofícios e funções da paróquia se encontram num curso de formação e aprofundamento. Saindo do curso formam grupos ligados com a ação e prática pastoral das paróquias. O grupo se mantém firme devido à estrutura da paróquia, que sustenta e possibilita o grupo e o trabalho dos jovens.

Outras características comuns aos Movimentos de Encontro

a) Aspecto de impacto (característica psicolorizante): A tônica desses encontros está centrada na dimensão psico-individual dos jovens. As tensões, os bloqueios, a timidez característica dessa faixa etária é quebrada pelas dinâmicas, pelo relacionamento intenso entre os participantes, no uso da falta que desinibe, etc. O impacto está presente nessa dimensão. O curso tentará impactar o jovem para despertá-lo do vazio, da alienação consumista, do individualismo. De outro lado, o impacto quer ajudá-lo a descobrir a experiência da atenção, afeto e carinho. O impacto vem seja através de muitas palestras que despejam um rio de conteúdo novo e que não deixa lugar à crítica e ao pensamento próprio, seja sobretudo através do testemunho da vida. Não são idéias. São experiências de conversão, de descoberta de Jesus. Se eles puderam mudar porque eu não posso? Os cantos, o ambiente festivo, a mensagem nos santinhos, as horas de relaxamento e piadas, as celebrações no escuro e à luz de velas, as horas santas e vigílias, tudo isso contribui para manter o clima de impacto. Alguns encontros ainda favorecem o envio de mensagens e cartas de amigos, parentes, irmãos(ãs), namorados(as). Claro que o impacto diminui nos encontros que se tornam mais de reflexão e oração.

Os encontros atingem seu objetivo porque em geral os participantes deles vêm de um meio social mais carente de presença e afeto, que eles encontram ali. Vêm de um meio muito erotizado que não lhes satisfaz e ali encontram contactos sadios, puros, conversas profundas que os satisfazem. Encontram espontaneidade e limpidez nas amizades, ao contrário dos interesses e bajulações do seu meio social. Quebram a rotina do quotidiano por um distanciamento de três dias. Com gente nova, novas relações, sem discussão das "chatices" diárias. O conflito de gerações, as tensões entre adultos e jovens, é quebrada pela presença simples, acessível, aberta e compreensiva do adulto.

b) Dimensão Moral e Religiosa: Os encontros visam o jovem a um equilíbrio na vida moral, sobretudo nas questões de sexualidade e a prática religiosa, sobretudo a Eucaristia. As dinâmicas e conteúdos são dirigidas para orientar a consciência dos jovens, e a despertá-los de situações normalmente vistas como incorretas ou viciadas. Para isso, os cursos ou encontros mostram a franqueza da pessoa e o perdão que Deus oferece, sobretudo na confissão. A impureza sexual é vista com egoísmo, fechamento de si, negação do dom do outro.

Uma visão nova de liturgia, de sacramentos, é suporte para exigir nova postura prática da vivência cristã entendida quase que exclusivamente como vivência dos sacramentos.

A tentativa desses cursos é responder aos jovens dando-lhes soluções e respostas práticas e concretas para solucionar as questões levantadas por eles. Por isso, esses encontros possibilitam bastante rotatividade. Na medida em que muitos jovens não conseguem mudar sua prática ou acham que nada de novo lhes é oferecido tornando-se encontros repetitivos e monótonos, eles se vão.

c) Dimensão Espiritualista: Não se trata de analisar aqui a dimensão espiritual, que é pressuposto de todo encontro em nível religioso.

Trata-se de analisar uma acentuação predominante, um tipo de relação com o e a vida que deixa de ser espiritual para ser espiritualista. Há uma acentuação da oração em detrimento da ação. Há uma acentuação do "espiritual" em detrimento do "material", que acaba fazendo fugir do mundo e de sua dor e miséria refugiando-se numa oração aérea, etérea, desencarnada, ocultadora de conflitos e tensões. Atitude de otimismo, euforia, que contrasta com a dureza vivida em cada dia.

d) Dimensão Teológica: Também essa dimensão não pode faltar em qualquer encontro de cristãos. Trata-se aqui de ver a direção, a tônica, que essa dimensão assume. Parece que a tônica da teologia desses encontros se dá dentro de uma teologia tradicional. Isto é: que parte não dos problemas experienciais dos jovens mas da doutrina que ele deve saber para viver correta e moralmente bem. Nessa perspectiva salienta-se uma visão de Deus a partir de uma definição objetiva, da relação da pessoa com ele. Relação pessoal, necessidade pessoal de viver em graça excluindo todo pecado mortal. Cristo é apresentado a partir do dado dogmático e não da história. Seguir Cristo será então imitá-lo com gestos de bondade, amor, paciência, humildade. A segunda dimensão é a Igreja. Apresentada apenas como a que em lugar de Cristo ensina a verdade, nos oferece meios de salvação e santificação. Dotada de uma autoridade que não permite questionamento. O centro da exigência da Igreja são as prescrições morais e sacramentais.

Outros grupos acentuam uma teologia existencial. Isto é uma teologia que não parte simplesmente das definições e do dogma mas que procura responder às situações existenciais dos jovens. Os eixos centrais dessa teologia - sempre segundo J.B. Libânio - são:

- Cristo - apresentado no aspecto humano e amigo. Nele dá-se uma fusão entre

o religioso e o afetivo de tal modo que uma libertação afetiva é considerada encontro com Cristo. O aspecto soteriológico de Cristo, isto é, a salvação que Ele nos dá através da Cruz e sofrimento fica na penumbra. Cristo é visto em sua perspectiva existencial e não histórica. Jesus é um modelo de atitudes que levam ao encontro e amizade para com Ele. Os exemplos da vida dele são lidos à luz de uma relação pessoal dele como atitude pessoal de perdão, amor, caridade. E assim devemos fazer nós também. Não há necessidade de ir além de uma relação intersubjetiva, personalista.

Outro eixo é o eclesiológico. Trata-se de mostrar aos jovens que eles são Igreja Nova que pode superar os defeitos da que eles conhecem. Há por isso uma centuação da participação na comunidade em detrimento do aspecto hierárquico institucional. Não há desrespeito nem negação dessa realidade eclesial. Mas distância e desconhecimento da função do bispo e da existência das Igrejas Particulares.

Os sacramentos constituem outro eixo. Ser católico é viver a vida sacramental, sobretudo a Eucaristia. A confissão fica num segundo plano. Ela é mais vista como exigência jurídica do que estar na presença de Deus pelo arrependimento. A Eucaristia é ponto central dos Encontros desse tipo. A frequência à comunhão é quase total. Por ela exprimem sua amizade com Cristo. Esse aspecto sacramental coloca em sombra o aspecto de engajamento temporal. Não consegue ultrapassar a concepção personalista para uma visão mais comprometida com a realidade global.

Limites e serem superados

Nascidos em contextos históricos e geográficos diferentes, pastoral e movimentos, contudo, lançam desafios à Igreja, a si mesmos, a quem trabalha com os jovens, é importante que Pastoral e Movimento não absolutizem sua própria experiência, reconhecendo seus limites e percebendo que sempre haverá joio no meio do trigo.



A vivência cristã de um grupo qualquer não é privilégio de ninguém; não pode sentir-se ameaçado pela existência contemporânea de outras experiências. Exige-se que ao lado de idéias de qualquer movimento ou pastoral haja um "espaço de fraternidade" de reconheci-

mento e acolhida de tudo o que é bom e louvável nos outros. Os carismas do Espírito são tão ricos, originais e numerosos a tal ponto que não podem ser representados por um só ou mesmo por várias experiências espirituais. Desta forma, apresenta-se aqui alguns limites de ambas as experiências, como forma de interpelação para superação dos mesmos.

Alguns limites da Pastoral da Juventude

a) Até agora a PJ não tem trabalhado suficientemente a evangelização da arte e cultura. Isso chega a ser surpreendente visto sabermos que essa é uma dimensão profundamente presente na vida dos jovens. Os movimentos, no geral, têm trabalhado mais essa dimensão.

b) Desafio crônico para a PJ está na questão financeira. As Igrejas do Terceiro Mundo são pobres em recursos humanos e financeiros. A Pastoral tem encontrado uma série de obstáculos em sua organização e articulação, na formação de pessoas devido a problemas econômicos. Tal não se dá geralmente com os movimentos. Por serem normalmente oriundos do Primeiro Mundo, por terem um centro racionalizado e gerido em moldes empresariais. Geralmente os movimentos gozam de uma autonomia financeira que lhes possibilite avançar muito no aspecto de promoções, eventos,

literatura e atividades outras.

c) Na PJ, especialmente junto aos militantes, a questão da espiritualidade é uma forte interpelação. Os militantes se envolvem num clima de luta, dura, monótona, pouco gratificante. Por isso mesmo correm o risco de deixar na sombra o aspecto da festa, da alegria. Muitas vezes o ativismo da militância leva o jovem a abandonar sua comunidade eclesial e a falta de um grupo para revisão de vida e prática, deixa a dimensão da espiritualidade em segundo plano.

d) O vanguardismo de algumas lideranças; uma linguagem que muitas vezes não vai ao encontro dos anseios do jovem, a dimensão da afetividade- sexualidade do jovem, relegada a um segundo plano e as tensões que surgem com o mundo dos adultos, na busca de um maior protagonismo dos jovens, são elementos que estão por serem melhor trabalhados na PJ.

e) A PJ não tem uma proposta concreta em relação aos jovens em situação mais críticas: drogados, prostitutas, presidiários, homossexuais, deficientes, extremamente empobrecidos.

Alguns limites dos Movimentos

a) Por sua própria estrutura autônoma e independente os movimentos são de cunho nacional ou transnacional. São por isso constantemente desafiados a inserirem-se na pastoral de conjunto das Conferências Episcopais e das Igrejas Particulares. No caso do Brasil, os movimentos de cunho transnacional, que têm origem no Primeiro Mundo e a partir dele têm sua visão de homem, são desafiados a inserirem-se no mundo dos pobres e a fazer da opção preferencial pelos pobres sua própria opção.

b) Na realidade da América Latina os movimentos são interpelados a tomar consciência de que não basta a mudança do coração mas que se faz mister conversão e mudança das estruturas. Nessa mesma perspectiva, Dom Aloisio Losrcheider lembrava no Sínodo sobre os leigos: "Os movimento devem: 1) aperfeiçoar-se por uma decisiva inserção na Pastoral Orgânica da Igreja local... se reunir com os cristãos da diocese, região ou nação para aprofundar os problemas pastorais e não orientar simplesmente por um centro cultural diverso, com problemas diversos e fazer a opção evangélica ou profética e solidária pelos pobres que se impõe hoje mais do que no passado.

c) "A espiritualidade de certas associações ou movimentos, por vezes, leva mais

a responder a aspirações pessoais do que a problemas concretos da vida social. Trata-se de uma espiritualidade "intimista", sem nenhuma interpelação no que se refer à transformação da própria vida dos homens no espírito de Jesus Cristo" (Dom Aloisio Lorscheiter, Sínodos dos Bispos sobre Leigos).

Desafios comuns

a) Tanto pastoral como movimentos devem estar em sintonia com a globalidade das exigências evangélicas evitando reducionismos como o espiritualismo, secularismo e o psicologismo. Ambos precisam confrontar-se continuamente, de uma maneira sincera, com a palavra de Deus vivida e interpretada na Igreja, isto é, colocar-se a serviço da Palavra e da Igreja. Sustentados pela caridade e na adesão ao Evangelho em sua totalidade. Não é o Evangelho que tem que adaptar-se às escolhas e opções dos grupos. Mas estes - aliás toda Igreja - é, que tem que se conformar às exigências do Evangelho. Onde falta compromisso, renúncia, aceitação da cruz, superação do egoísmo, não existirão condições para o seguimento do verdadeiro discípulo de Cristo. Assim, tanto Pastoral quanto Movimento são um desafio à Igreja no seu conjunto para poderem ser reconhecidas como opções válidas dentro da grande Comunidade Igreja.

b) Pelos frutos se conhece a árvore. Onde aparecem frutos de Espírito e não da Carne, aí poderemos reconhecer a presença dos dons e carismas do Espírito Santo. Assim, se movimentos e Pastorais são constantemente desafiados a perceber se seus membros trabalham realmente para a edificação do Corpo de Cristo, para a renovação da Igreja - a partir da caridade - no respeito às funções e carismas de cada um deles, na comunidade eclesial. Onde existiu amargura, dureza, egoísmo e dominação, desprezo para com os que pensam diferente, intolerância, aí certamente não opera o Espírito de Deus.

c) Percebe a exigência que Pastoral e Movimento têm de construir a unidade eclesial (cf. Doc. 40 n. 24). Os carismas, quaisquer que sejam, são dados para a edificação da comunidade (cf. 1 Cor. 12,9). São desafios constantemente a anunciarem Jesus Cristo, Não a própria pastoral ou movimento. São interpelados a viver o Evangelho.

d) O trabalho com massa e com pequeno grupo. Os movimentos, que por sua própria estrutura trabalham bem a massa de jovens, conseguem reunir grande número de jovens em shows ou grandes celebrações. Mas normalmente não trabalham o cotidiano de pequenos grupos, na rotina do dia-a-dia, no acompanhamento da experiência grupal.

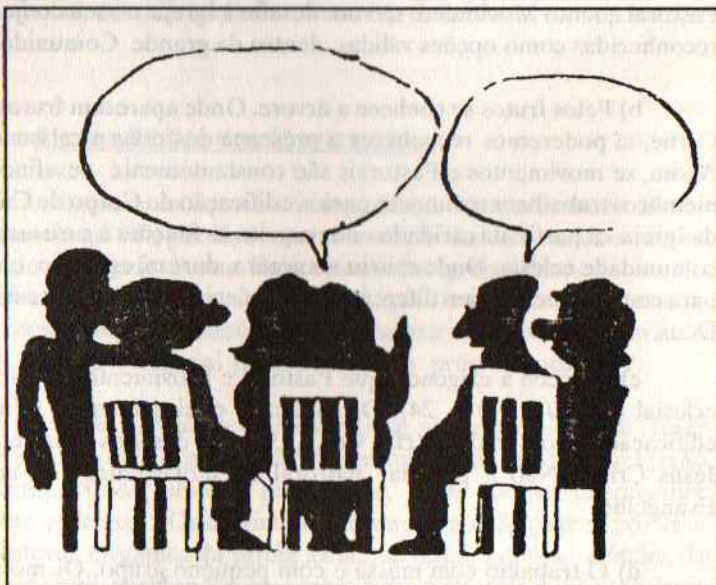
e) PJ e Movimentos são constantemente desafiados a fazerem uma profunda

auto-crítica e revisão para perceber se suas intuições, práticas, metodológicas respondem à realidade dos jovens e ao objetivo geral da Igreja no Brasil. Só assim poderão perceber se realmente vivenciam os carismas do Espírito Santo ou se deixam levar por impulsos humanos ideologias, etc. Devem confrontar-se com as exigências da própria comunidade cristã no seu conjunto. Só onde se responde às angústias e tristezas do homem de hoje, lá onde o Evangelho é fermento de um homem novo, de uma nova humanidade. Certamente Pastoral e Movimento devem rever a própria prática para retomarem a função de levar a Igreja a ser fermento de transformação do mundo, como sinal vivo do reino do Pai.

Pistas de Ação

Tendo presente que PJ e Movimentos são organizações que devem estar a serviço do mesmo Espírito, para edificação da Igreja e para a evangelização dos jovens poderemos agora tentar propor algumas pistas concretas de ação comum.

Percebe-se a necessidade de um momento forte de somar forças, proporcionando maior conhecimento mútuo. Um momento privilegiado a nosso ver seria o Dia Nacional da Juventude. Instituído pelo setor juventude-CNBB, a ser celebrado cada ano no primeiro domingo de outubro, visa atingir não só os grupos de jovens da Pastoral, ou de jovens presentes na



Igreja, mas também jovens de todos os lugares e situações. é tentativa de anunciar Jesus, o compromisso dos jovens cristãos com relação ao mundo. Por isso mesmo, será um momento de fundamental importância para o diálogo, conhecimento e ação conjunta da pastoral e dos movimentos.

Um momento forte de intercâmbio, de ajuda comum, de ação conjunta poderá surgir de situações pastorais de emergência, tais como: calamidades, desastres, campanhas de solidariedade, necessidades surgidas por ocasião de ocupações de terras ou outras questões sociais fortes. Seria um momento em que os jovens cristãos se mostrariam solidários, serviais, comprometidos com a causa do homem e suas necessidades. Momento no qual os jovens cristãos, juntos, independentemente de suas diversidades, se colocariam a serviço do próximo que passa no seu caminho e necessita de sua ajuda. Próximo que é próximo pela sua necessidade e não pela fé ou qualquer outra exigência. O amor gratuito, desinteressado seria sinal altamente evangelizador para fora e para dentro da Pastoral e Movimento.

Uma forma para superação de desconfianças e preconceitos poderiam ser momentos de troca de experiências. A possibilidade de um planejamento conjunto, evitando choque de cronogramas; por ocasião de cursos comuns, troca e ou elaboração conjunta de sub'sídios; participação em assembléias e eventos próprios mas abertos a representantes seja da PJ ou dos Movimentos tanto a nível de jovens como de assessores.

A programação e execução conjunta de eventos de cunho artístico-cultural: teatros, festivais... , resgatando a cultura popular, criando; laços de integração e solidariedade latino-americano, divulgando os valores universais da Paz, da justiça, do direito à vida do respeito às culturas, da soberania dos povos.

A celebração da eucaristia em acontecimentos significativos da Igreja.

Celebrações em memória dos mártires da América Latina, situações significativas para o povo. Seria um outro momento que possibilitaria conhecimento comum.

Mas, a nosso ver, o grande desafio que deverá motivar o diálogo da Pastoral e dos Movimentos deverá ser a imensa massa de jovens a evangelizar. Devemos ser suficientemente esclarecidos e humildes para ver que atingimos, juntos, uma parcela ínfima da juventude.

A urgência do anúncio de Jesus, e do Reino de Deus, deveria ser tal que Pastoral e Movimentos deveriam deixar de lado desconfianças, divergências, visões menores e secundárias possibilitando cursos, planejamento de atividades comuns, debate em torno desse interesse fundamental: como atingir realmente os jovens? Como anunciar-lhes Jesus como sentido de vida e viver? Como levá-los a se comprometerem com o homem e sobretudo o homem empobrecido, a verdadeira glória de Deus?

Bibliografia citada

01. Celam - Pastoral da Juventude, Sim à Civilização do Amor, Ed. Paulinas, 1987.
02. Gaudium et Spes - Doc. do Concílio Vaticano II, 1965 Ed. Vozes.
03. CNBB - Doc. 38 Diretrizes Gerais de Ação Pastoral da Igreja no Brasil, Ed. Paulinas, 1987.
04. CNBB - Estudos da CNBB 44 Pastoral da Juventude no Brasil. Ed. Paulinas, 1986.
05. CNBB - Doc 28 - Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, Ed. Paulinas, 1984.
06. Cordes, Mos. PJ Nouveaux Mouvements Spirituels Dans 1 Eglise, NRT 109, 1987.
07. Lumen Gentium, no. 10 Presbyterorum Ordinis.
08. Paulo VI, Evangelii Nuntiandi, 1975. Ed. Loyola.
09. A Palavra de João Paulo II no Brasil, Ed. Paulinas, 1980.
10. Lubich, Chiara - Discurso em Tóquio, 28.12.81
11. Hanselmann, bispo - Igreja Evangélica Luterana de Augusta-Alemanha, 23.10.1988
12. Mov. Humanidade Nova, texto do Congresso "Uma cultura de paz para a unidade dos povos", Roma 11.12.06.1988.
13. Lubich, Chiara - Chiara Lubich e Movimento dos Focolares, 1983, Ed. Cidade Nova.
14. Lubich, Chiara - Fermenti di Unità, Ed. CittàNuova, 1963.
15. Autores vários - L'unità é la nostra avventura, Ed. CittàNuova, 1986.
16. Lubich, Chiara - Pensamentos Gen, Ed. Cidade Nova, 1970.
17. Lubich, Chiara - Discurso aos bispos amigos do Movimento. Rocca di Papa. 10.02.84.
18. Lubich, Chiara - Discurso aos cidadãos de Loppiano, 28.03.72.
19. Lubich, Chiara - Diário, 26.08.80
20. Libânio, J B - O Leigo na Igreja do Brasil, Tipologia de Movimentos, in Perspectiva Teológica n. 47 (jan-abr 1987).
21. Libânio, JB - O mundo dos jovens da Igreja, Ed. Loyola, 1973.

Impressão e distribuição: CCJ (011) 65 6770
2ª Edição
Fevereiro de 1991
São Paulo - SP - Brasil
Tiragem: 2 mil exemplares